



IMAGENS E ESCREVIVÊNCIAS

CONSTRUINDO A MEMÓRIA DO PROEJA DO CRJ

TELMA ALVES • ERICA SOUSA DE ALMEIDA
(Organizadoras)



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Rio de Janeiro



Grupo de Pesquisa em Tecnologia, Educação & Cultura

IMAGENS E ESCREVIVÊNCIAS

CONSTRUINDO A MEMÓRIA DO PROEJA DO CRJ

Telma Alves • Erica Sousa de Almeida
(Organizadoras)

ISBN: 978-65-00-49150-0



Esta obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-Não Comercial- Compartilhalgal 4.0 Internacional](https://br.creativecommons.org/licencas/). Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em <https://br.creativecommons.org/licencas/>.





Sumário

Prefácio	4
Apresentação	6
Com a palavra as organizadoras	8
Capítulo 1 - Ano 4: 2010	13
Capítulo 2 - Ano 5: 2011	17
Capítulo 3 - Ano 6: 2012	20
Capítulo 4 - Ano 7: 2013	27
Capítulo 5 - Ano 8: 2014	33
Capítulo 6 - Ano 9: 2015	42
Capítulo 7 - Ano 10: 2016	53
Festa de 10 Anos do PROEJA	59
Com a Palavra: Os/As Estudantes	62
Sobre os Autores	80
Anexos	83

Prefácio

*Sim, somos vozes de um só coração
Pedreiros, padeiros, coristas, passistas
Malabaristas da sorte
Todos, João ou José
Sim nós, esses grandes artistas da vida
Os equilibristas da fé*

Esta canção de Gonzaguinha foi o tema da 1ª prova de Matemática para ingresso no então curso de “Instalação e Manutenção de Computadores” em 2006. A homenagem a esses João ou José, artistas da vida, justifica-se pois são o coração e o objetivo central da Educação de Jovens e Adultos, uma das áreas mais importantes da Educação Brasileira.

Este curso que tinha como fundamento a integração da formação geral com a profissional era a resposta afirmativa do CEFET Química, unidade Rio de Janeiro, à nova proposta que surgia no cenário brasileiro, o PROEJA, Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Para lembrar e saudar a trajetória deste curso que agora é denominado “Manutenção e Suporte em informática”, as organizadoras de “Imagens e Escrevivências: construindo a memória do PROEJA do Campus Rio de Janeiro”, convidaram profissionais e discentes que participaram deste processo trazendo imagens, relatos, aprendizagens, e emoções, muitas emoções.

O leitor deste livro vai encontrar histórias maravilhosas de superação e luta. Vai ler sobre o desafio de transformar os projetos integradores em realidade, como, por exemplo, ao compor um documentário contando suas histórias de vida. Ou, em outro projeto integrador, escrevendo um livro que conta suas vivências no curso, através de uma “noite de autógrafos”, coreografada e dirigida pelo professor de Artes Cênicas.

Prefácio

Vai acompanhar a experiência riquíssima de alunos e professores participando de visitas a exposições como “Barbárie e espanto em Canudos”, “O Mundo Mágico de Escher”, obras de arte popular no Museu da Casa do Pontal, dentre outras.

Também participando ativamente em encontros internacionais como o Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica (FMEPT, 2012, 2015) apresentando trabalhos sobre a “Deep Web” e sobre a construção da “verdade” em uma experiência inesquecível de conhecimento e socialização com pessoas de outros estados e países. Também vai conhecer a experiência fantástica relatada na participação de nossas estudantes no evento “Girls Power Tech”, em que um dos objetivos é o empoderamento de mulheres para atuação em ciência e tecnologia.

O leitor poderá constatar que todas essas propostas e ações contam com a participação de docentes das diversas áreas de conhecimento, destacando e reforçando o caráter integrador do curso.

Os relatos dos profissionais e estudantes trazem a parte mais emocionante do livro. O profissionalismo de nossos servidores, conjugado com ideologia, carinho e respeito para os discentes, é empolgante. Os relatos se sucedem: uma aula de biologia no laboratório explorando o paradigma celular, fundamentada no pensamento de Paulo Freire; um depoimento emocionante de como a participação no curso mudou a concepção de ensino-aprendizagem; a homenagem póstuma à professora Ana Graça, a Nana, docente apaixonada por tudo que fazia e, em especial, com as coisas do PROEJA; o depoimento histórico sobre a elaboração da primeira matriz curricular; as experiências inovadoras com os projetos integradores...

E, por sua vez, leia e emocione-se com o depoimento dos discentes relatando suas dificuldades, traduzidas em desemprego, falta de oportunidades, violência familiar, o retorno muitos anos depois aos estudos, falta

de tempo para estudo por conta do binômio trabalho de dia, escola à noite, autoestima baixa etc..

Mas, por outro lado, é maravilhoso ler sobre a emoção ao ligar um computador pela primeira vez, a felicidade de voltar ao mercado de trabalho, o reconhecimento de que o professor também aprende com o aluno, o agradecimento aos docentes que trabalham no curso, a certeza de que havia feito a escolha certa para a sua vida, dentre outros relatos fortes, emocionantes e instigadores.

E você, caro leitor, também tem uma história emocionante para contar?



Armando Maia

*Professor de Matemática – IFRJ
Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 2022.*

Apresentação

Com extrema alegria, me sinto honrado em apresentar a presente obra. Linda, carregada de emoções e lembranças boas do programa Programa Nacional de **Integração** da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Gratidão à professora Telma Alves pelo convite e pela magnífica organização desta que é uma história bonita, real e transformadora.

Há mais de 15 anos, em 2005, surgia o Programa Nacional de **Integração** da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja)¹. Criado por decreto, o programa garante 10% das vagas em todos os Institutos Federais do Brasil. Pela primeira vez na história, o Ensino Médio era integrado ao Ensino Técnico para este público-alvo específico. Finalmente, realizaram o óbvio: adultos que não completaram o ensino médio não podem perder tempo para se profissionalizar.

O IFRJ foi um dos pioneiros a implementar o programa e eu tive a honra de assumir a coordenação técnica do curso no *Campus* Rio de Janeiro. No início da implementação, a coordenação era dupla, composta também pela área pedagógica tocada com maestria por Dilza Magioli. E, na Direção de Ensino, ninguém menos que Rita Costa, uma fera da educação. O desafio foi encarado por um grupo de gigantes professores que desenvolveram o que considero uma das experiências mais inovadoras em educação no Brasil, à frente de seu tempo e com resultados incríveis. Muitas iniciativas pioneiras nos cursos PROEJA foram adotadas anos depois por todos os cursos técnicos do

IFRJ e também pela Rede Federal de Educação Tecnológica.

O PROEJA no IFRJ é um ensino inovador, promovido por professores à frente de seu tempo, alunos envolvidos e engajados, equipe de apoio empática, competente e gestão parceira. O Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática (MSI) foi criado a muitas mãos unidas, entrelaçadas, fortes e alegres, ou seja, foi construído coletivamente. Em uma imersão na cidade de Miguel Pereira, o grupo multidisciplinar de professores dos *Campi* Rio de Janeiro e Nilópolis, por meio de grupos de trabalho, debruçou-se dias para criar as diretrizes do Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Ocorreram mais duas imersões ao longo dos anos para adequação do curso. Hoje, o MSI é o mesmo em todos os Campi que o oferecem. Esta prática é hoje adotada ou perseguida pelos demais cursos do Instituto.

A metodologia pedagógica adotada foi a de pedagogia de projetos que, em geral, era utilizada em turmas de crianças e foi escolhida pela equipe para ser a base do PROEJA no IFRJ. Que desafio!!! Nunca haviam feito isto antes. Foram acertos e erros e hoje podemos dizer que esta metodologia está madura e implementada em um Instituto Federal, considerados por muitos, de ensino tradicionalista. Hoje, diversos programas de ensino médio, superior, pós-graduação e profissionalizantes tentam implementar a Pedagogia de Projetos (ensino baseado em problemas, em jogos e outras variações) em todos os níveis. Os Projetos Integradores (PIs) são projetos semestrais desenvolvidos por cada turma do MSI baseados em eixos temáticos. A construção é coletiva, interdisciplinar e envolvente. As “soft skills” desen-

¹ <http://portal.mec.gov.br/proeja> - acesso em 07/01/2022

Apresentação

volvidas pelos alunos durante a construção de cinco PIs ao longo do curso são de grande valor no mundo do trabalho. Hoje, todos bons cursos técnicos desenvolvem essas habilidades. Este é um grande diferencial reconhecido nos estágios e na contratação subsequente de nossos estudantes do MSI.

Ainda sobre a formação do curso, gostaria de ressaltar que a equipe de trabalho atuava de forma coesa e isso também foi possível pelo diálogo permanente, com reuniões semanais de equipe. Nos primeiros cinco anos de PROEJA no IFRJ a maioria dos professores do MSI eram quase exclusivos do MSI. Isso nos permitiu construir projetos incríveis como, por exemplo, fusão de disciplinas em torno de projetos interdisciplinares, atividades coletivas, que desconstruíram “grades” horárias e curriculares libertando professores e alunos para criar, inovar, voar. Tivemos muito apoio da gestão do IFRJ que incluiu, (nos primeiros anos do programa) no horário dos professores, dois tempos semanais para reuniões pedagógicas. Hoje isto se chama “Colegiado de Curso”, regulamentado para todos os cursos do Instituto Federal do Rio de Janeiro.

Antes do PROEJA, no IFRJ, só existia o período de recuperação escolar ao final do semestre letivo. Obviamente, esta não é a melhor estratégia pedagógica. O curso MSI adotou a Recuperação Paralela que promove a recuperação do aprendizado ao longo do curso por meio de atividades extra e de monitoria. Hoje a recuperação paralela está regulamentada e é adotada por todos os cursos dos Institutos Federais.

Por fim, gostaria de compartilhar que as histórias de vida dos estudantes fazem parte do processo de ensino aprendizagem transformador. Como se sabe, os alunos do PROEJA passam anos de suas vidas no IFRJ.

Suas histórias de vida não devem ser linhas paralelas que nunca se encontram com as vivências no IFRJ. Acolhemos, ouvimos, participamos, trazemos para as problemáticas de ensino as ricas e muitas vezes difíceis histórias de vida dos nossos alunos. Não à toa, os eixos temáticos trazem a comunidade, a sociedade e o trabalho para o ambiente de aprendizado. A equipe multidisciplinar técnico pedagógica e a psicologia do IFRJ andam de mãos dadas com alunos e professores. Inúmeras são as histórias de transformação de vida não só dos alunos, mas de suas famílias. As formaturas, sempre emocionantes, coroam o processo de formação.

Todos estes fatores criam um clima escolar propício para o surgimento espontâneo das experiências pedagógicas incríveis relatadas neste e-book. São histórias inspiradoras de projetos e outras ações produzidas por uma equipe extremamente qualificada. Sempre digo que o MSI tem uma das melhores equipes de professores do IFRJ. E são estes profissionais maravilhosos, todos muito queridos, que as organizadoras reúnem aqui com extrema competência.

Caros leitores, temos aqui o registro histórico fidedigno de uma das mais inovadoras experiências pedagógicas do país. Tenho certeza que irão transformar também sua forma de pensar educação.

Divirtam-se e deliciem-se.
Com carinho.

**Moisés André
Nisenbaum**



COM A PALAVRA AS

ORGANIZADORAS

*A semente germinou e
produziu seu rebento:
Imagens e Escrevivências,
construindo a memória
do PROEJA do Campus
Rio de Janeiro*

A semente deste e-book nasce em setembro de 2014 quando, no segundo Seminário de Educação de Jovens e Adultos da PUC-Rio, evento organizado pelo Núcleo de Educação de Adultos (NEAD) da PUC-Rio, um professor divulgava um livro que, por meio de fotografias e textos, mostrava todo trabalho pedagógico desenvolvido com adultos na escola em que ele trabalhava.

Em plena pandemia da COVID-19, através do Edital nº 05/2020, foi possível submeter o projeto que iria dar materialidade à semente que ficou germinando e, contando com uma bolsa PIBIC-EM e financiamento do IFRJ, organizar e registrar as memórias do curso técnico integrado de Manutenção e Suporte em Informática que atende ao Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional (MSI/PROEJA) do *Campus* Rio de Janeiro do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), no intervalo temporal de 2010 (ano 4 do curso MSI/PROEJA) a 2016 (ano 10 do curso MSI/PROEJA).

O objetivo deste trabalho é o de divulgar e celebrar a conquista, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 1996, da Educação de Jovens e Adultos (EJA) como modalidade da Educação Básica (EB) e depois reiterada, em 2006, pelo Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), implantado no *Campus* Rio de Janeiro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ).

Telma Alves

VAMOS ESPERANÇAR A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

No Brasil, entre 1990 e 1994, o atendimento do governo federal à EJA foi marcado pela descontinuidade, com ações de alfabetização que não tinham recursos garantidos, e pelo recuo do Estado no atendimento a esse campo educacional. No entanto, nesse mesmo período, o movimento de educadores tenta um fortalecimento da discussão para construir um programa sistemático não só de alfabetização, mas também para o Ensino Fundamental de Jovens e Adultos. Ao mesmo tempo, já vinham acontecendo as discussões para o projeto da Lei de Diretrizes e Bases (LDB).

Apesar da construção coletiva do movimento de educadores ter sido desconsiderada e as diretrizes para a EJA serem reduzidas na LDB nº 9.394/96, o artigo nº 37 assegura a educação escolar pública aos jovens e adultos e confere à EJA a concepção de modalidade da educação básica, o que representa uma reconfiguração do campo e a afasta da ideia de ensino supletivo. Podemos considerar essa reconfiguração um avanço para atender às necessidades de democratização de acesso à educação de muitos cidadãos brasileiros que, por condições socioeconômicas, foram privados do direito constitucional de concluir a educação básica. Dentre as consequências imediatas desse processo, estão a evasão escolar precoce, a precariedade nas condições laborais, a limitação no manejo da leitura e da escrita, o que diminui e muito as oportunidades dos indivíduos nos espaços sociais. Sem dúvida, sabe-se que a EJA cumpre, na formação de estudantes, importante papel de minorar a exploração, oportunizando, por exemplo, novos espaços sociais e profissionais a partir da formação acadêmica dos estudantes.

Apesar de se saber da importância da educação na formação integral de nossos jovens e adultos, muitos vêm enfrentando difi-

culdades para permanecer e concluir os cursos - falta de condições materiais e evasão escolar são realidades permanentes - nesse ambiente que oportunizaria a abertura de novos horizontes para esse público privado do letramento. Como se sabe, a necessidade de subsistência ocupa grande parte do tempo de vida de muitos desses indivíduos e é comum observar o evidente esgotamento físico e emocional e a ausência de tempo desses trabalhadores-estudantes, que, após cumprirem jornadas exaustivas de trabalho, devem estar em uma sala de aula à noite, a fim de atenderem às exigências curriculares, apesar de seus modelos de vida os chamarem a outro caminho urgente de sobrevivência, de cuidados com os filhos etc.

Nesse contexto, cumpre frisar o desafio das escolas e dos educadores no sentido de remar contra as marés da fome, da carência, da falta de tempo, do cansaço, da angústia por melhores condições de vida. Sem dúvida, pensar em projetos pedagógicos que levem em consideração a formação para o mundo do trabalho e a inclusão em outro *status* social são determinantes para a retenção na escola, mesmo que as realidades sejam contrárias a esse processo.

É importante entender que o trabalho docente é um trabalho imaterial cuja especificidade é produzir ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes e habilidades em um ser humano, sendo assim um trabalho na forma de interação humana. E quanto mais os professores identificam suas ações nos objetivos que estão determinados a alcançar mais significado encontram no seu trabalho. Este e-book trata exatamente de mostrar a intensa interação humana que existiu, em diferentes práticas pedagógicas, entre 2010 (ano 4 do MSI/PROEJA) e 2016 (ano 10 do MSI/PROEJA).

O curso MSI/PROEJA se iniciou em setembro de 2006 e, por ser um programa e não uma política pública, passou por momentos difíceis. Na época em que o IFRJ tinha um alto percentual de professores substitutos, a rotatividade de professores nas diversas disciplinas era grande. As reuniões pedagógicas que no início eram garantidas na carga horária dos professores, perderam

SOBRE AS NOSSAS ESCREVIVÊNCIAS

A escrevivência nos permite, por meio da escrita, ouvir as histórias reais, ao dar visibilidade às realidades, às práticas, às rotinas que são seguidas sem que, necessariamente, sejam notadas. A emergência de ouvir os diferentes atores sociais – no nosso caso, docentes e discentes – é tomada, por nós que organizamos esse livro, como uma necessidade quando se pensa em uma política pública de resgate do direito à escolaridade daqueles que, por diversos motivos alheios a sua vontade, foram excluídos do sistema educacional.

Em geral, o que conhecemos dos/das nossos(as) estudantes é que buscam o curso técnico integrado MSI/PROEJA na esperança de novas e outras possibilidades de sobrevivência, diferentes daquelas que têm experienciado. Assim, acreditamos que, nos moldes da proposta “insubmissa” de Conceição Evaristo, podemos ouvir as vozes dos que contribuíram para a construção de quem diz, suas vivências e relações dentro e fora da escola.

A primeira questão que nos atravessou ao mobilizar os atores desse processo de registro da escrita foi como motivá-los a escrever, a falar sobre experiências, seja na atuação de Projetos Integradores, seja nas visitas técnicas e seus desdobramentos, seja nas experiências, nas aprendizagens. Queríamos que fosse uma escrita que apontasse para a liberdade, para a desconstrução de paradigmas, por isso não queríamos impor padrões ou modelos pré-definidos de texto. Dessa forma, decidimos, no projeto do registro das memórias, não impor/exigir determinado gênero textual e/ou formato texto, uma vez que pretendíamos que cada autor pudesse se expressar livremente ao recuperar experiências/vivências das atuações no curso MSI/PROEJA. Ao ler os textos, foi possível verificar escritas mais afetivas ou mais técnicas, a depender da escolha de quem registrou as memórias e isso não foi algo que nós tenhamos conduzido, nem poderíamos, ao nosso ver.

Na carta-convite aos docentes, situamos

o propósito do projeto e os elementos que julgávamos importante ter como registro. Deixamos livre para que o docente pudesse registrar outros aspectos que julgasse necessário para a materialização de suas memórias durante a execução das diversas atividades pedagógicas. Na carta aos discentes, também apresentamos o projeto, e procuramos motivá-los a escrever seu relato através de um pequeno roteiro que os orientava a se apresentar, contar como chegou até o curso e suas experiências durante o processo formativo.

Acreditamos e defendemos também que, para a reunião dos textos que aqui se apresentam, essas escritas devem ter pouca ou quase nenhuma “emenda” ou “correção gramatical estruturante”, a fim de manter a essência, os sentimentos, as lembranças de quem produziu. Deixamos claro que poucas correções foram feitas, com o intuito de não manipular o texto original.

O que nos tocou, profundamente, foi o modo como cada ator do curso MSI/PROEJA, nas suas práticas cotidianas, enfrentou os inúmeros desafios de fazer com que a Educação de Jovens e Adultos pudesse contribuir para a transformação daqueles que dela participaram, o que foi notório e decisivo para a beleza e a importância do conteúdo deste livro. Sobre os discentes, é marcante a fala de que as suas vidas foram transformadas, dando-nos a certeza da importância de tornar públicas essas histórias tão “próprias”, “outras”, “nossas”, geralmente silenciadas.

Ao longo deste e-book, os leitores poderão saborear textos eivados de subjetividades e que mostram apenas um recorte do trabalho pedagógico envolvendo pessoas com formações diversas, histórias de vida e leituras de mundo distintas.

Como organizadoras só temos a agradecer a todos que aceitaram participar deste trabalho de cunho documental, e especialmente ao bolsista Douglas Magno Sabino de Souza, estudante do quarto período do curso integrado de MSI/PROEJA, que trabalhou com afinco na seleção e tratamento das imagens, nos contatos com estudantes egressos, por *e-mail* e por *Facebook*, e na formatação do e-book.

Erica Sousa de Almeida
Telma Alves

Agradecimentos

Ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ);

À Prof^ª. Dra. Flavia Vieira, professora da disciplina de Projeto Integrador do curso MSI/PROEJA do *Campus* Rio de Janeiro;

À Prof^ª. Dra. Giselle Rôças, professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ;

À Profa. Msc. Teresa Vitória Fernandes Alves, professora de História da SME/RJ e organizadora do Centro de Memória da Escola Municipal Orsina da Fonseca;

À Prof^ª. Dra. Jonê Carla Baião, professora de Língua Portuguesa do CAP-UERJ e pesquisadora do Programa de Pós Graduação de Ensino em Educação Básica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Capítulo 1

Ano 4: 2010

Profissionais não se fazem apenas com discussões e aprendizados técnicos: os Projetos Integradores mostram a complexidade da formação integrada

Carlos Victor de Oliveira



Figura 1: Banner de apresentação do PI: A ética e a cidadania de cada dia da INF 331 em 2010.2

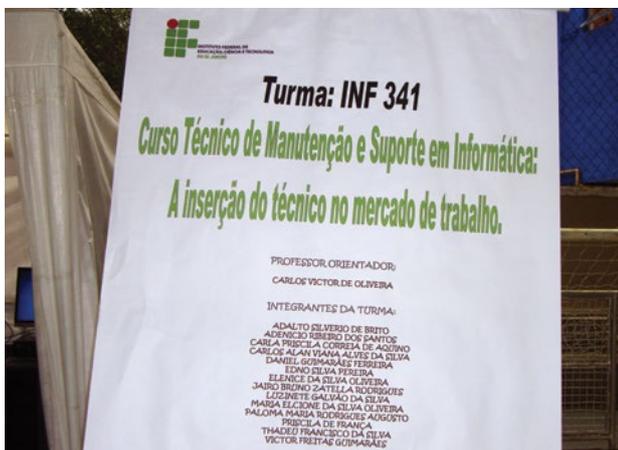


Figura 2: Banner da apresentação do PI da INF 341 em 2011-1



Figura 3: Montagem da tenda da apresentação

A minha experiência com projetos integradores começou quando iniciei meus trabalhos como professor de informática no Instituto Federal do Rio de Janeiro em 2010. Naquela época, descobri que existia uma

disciplina chamada Projeto Integrador e ela era aplicada nas turmas do curso de Manutenção e Suporte em Informática - MSI, do primeiro ao quinto períodos, onde cada período tinha um eixo norteador a ser seguido.



Figura 6: PI da INF 311 de 2013-2: Sobre a gestão para o conhecimento



Figura 7: 2012.2 - Otimização do Sistema Operacional Windows 8 e Banco de Dados em Access (INF 351)



Figura 9: 2013.2 - Preparando-se para conquistar uma vaga na área de TI (INF 341)



Figura 8: 2013.2 - Preparando-se para conquistar uma vaga na área de TI (INF 341)



Figura 10: 2013.2 - Preparando-se para conquistar uma vaga na área de TI (INF 341): vestuário adequado para entrevistas

Nós trabalhamos com alunos da Educação de Jovens e Adultos e eles chegam com uma imensa bagagem de conteúdos relacionados às suas experiências de vida e é bem comum casos de alunos que passam muitos anos das suas vidas cuidando de seus filhos, de sua família e agora enxergam uma oportunidade de retornar aos estudos e mudar a realidade de suas vidas. Ao final de cada período, no dia das apresentações dos projetos integradores, os alunos têm a oportunidade de mostrar para nós professores, para suas famílias, amigos etc, tudo aquilo que foi desenvolvido ao longo do período.

O projeto integrador, no Instituto Federal do Rio de Janeiro, *Campus* Rio de Janeiro, dentro do curso de Manutenção e Suporte

em Informática, nos faz acreditar que um profissional, não se faz apenas com discussões e aprendizados técnicos, a integração dos alunos, com os professores das disciplinas técnicas e propedêuticas enriquecem muito a questão do seu desenvolvimento como pessoa, entendendo suas dificuldades e acreditando sempre que o conhecimento passado através da educação transforma e muda positivamente suas vidas.

Inúmeros PIs foram orientados por mim, além dos projetos apresentados nas fotos, pelo menos mais dois, guardo na memória, a saber: **em 2011.2 - O que fazer com o lixo eletrônico? (INF 321) e em 2013.1 - Energia: o perigo dos gatos na rede elétrica (INF 311).**

O Mundo Mágico de Escher

The Magical World of Escher

Capítulo 2 Ano 5: 2011

Como estudantes da EJA são sensíveis e suscetíveis às novas experiências

Telma Alves

Figura 11: Parede de entrada da exposição no CCBB

A experiência que relato aqui foi marcante para mim. Em primeiro lugar, porque foi emocionante acompanhar os jovens e adultos do PROEJA em uma exposição em que algumas, ou muitas, das obras do artista holandês M.C. Escher têm inspiração na matemática, mais especificamente na geometria. Em segundo lugar, porque estava começando, naquele ano,

a minha atuação como coordenadora do curso de Manutenção e Suporte de Informática – PROEJA – do Campus Rio de Janeiro. Como professora de Matemática, o desafio não era pequeno. Deveria envidar todos os esforços no desenvolvimento de um trabalho de gestão que integrasse a formação geral à formação profissional, com qualidade pedagógica.



Figura 12: Experimentando a casa de Escher 1



Figura 13: Experimentando a casa de Escher 2



Figura 14: Experimentando a casa de Escher 3



Figura 15: Experimentando a casa de Escher 4

A intencionalidade das ações, no caso uma visita técnica, deve ser carregada de propósitos pedagógicos tais como a interação com ambientes culturais diversos, a experiência de ouvir mediadores (e não professores), a vivência de aprendizado em um ambiente diferente da sala de aula tradicional e a preocupação com atividades posteriores que possibilitem a expressão do que foi interiorizado. O trecho abaixo foi publicado no sítio institucional do IFRJ, em março de 2011, com o objetivo de socializar a experiência que foi considerada proveitosa.

"No dia 1º de março, os professores do curso de Manutenção e Suporte de Informática – PROEJA – do Campus Rio de Janeiro acompanharam seus alunos em uma visita guiada à exposição "O Mundo Mágico de ESCHER", no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). [...] Assim, mais uma vez evidenciou-se o que nós, como educadores, sabemos: a aquisição de conhecimento não advém somente das aulas expositivas, das palestras ou das mais variadas leituras. Ao longo de nossas vidas devemos ser expostos a experiências diversificadas que proporcionem o contato com saberes que vão enriquecer nosso cabedal de conhecimento".

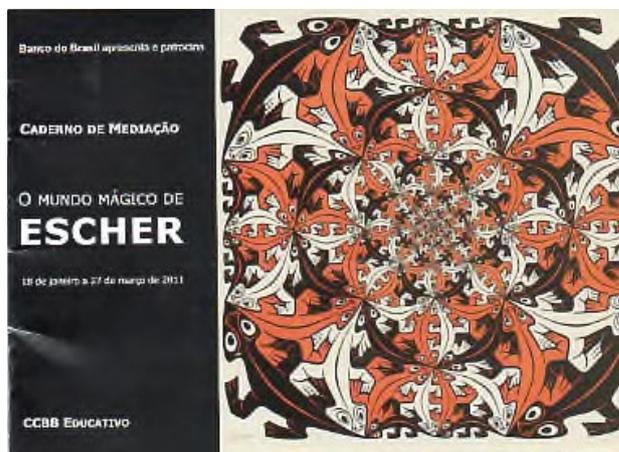


Figura 16: Capa do Caderno de Mediação

A figura acima mostra a capa do Caderno de Mediação entregue aos visitantes da exposição. Neste caderno, alguns autores apresentam o artista, o seu pensamento e a sua importância estética como um dos artistas mais relevantes do século XX. Em uma das páginas deste caderno de mediação, Janis Clémen escreve sobre a inspiração de Escher na geometria e sobre a técnica de construção de imagem denominada ladrilhamento. Abaixo, mostro o estudo, feito por Escher, com diversos polígonos e que consta no Caderno de Mediação.

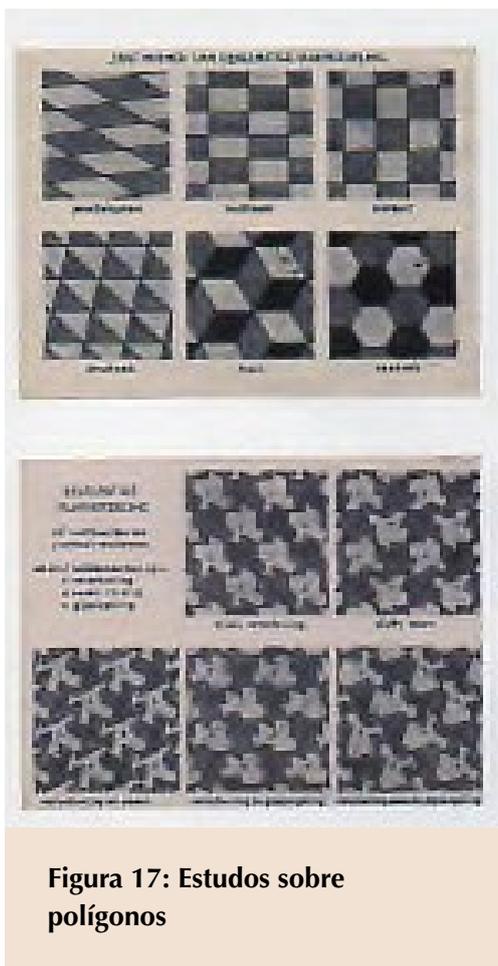


Figura 17: Estudos sobre polígonos

A publicação no sítio institucional informou que "com o objetivo de estimular os/as estudantes a expressar o quanto foi interiorizado da visita, a Prof.^a Telma (Matemática) e o Prof.^o Carlos Victor (Operação de Computadores I e II) organizaram uma atividade que pudesse ser desenvolvida por meio de recursos computacionais". Dessa forma, na aula do Prof.^o Carlos Victor, os/as estudantes das turmas INF 321 e INF 331 criaram uma composição usando o *software Paint* com base nas ideias contidas no mundo de Escher. Algumas dessas composições são aqui apresentadas no intuito de demonstrar como nossos estudantes da EJA são sensíveis e suscetíveis às novas experiências e quanta criatividade podem expressar.

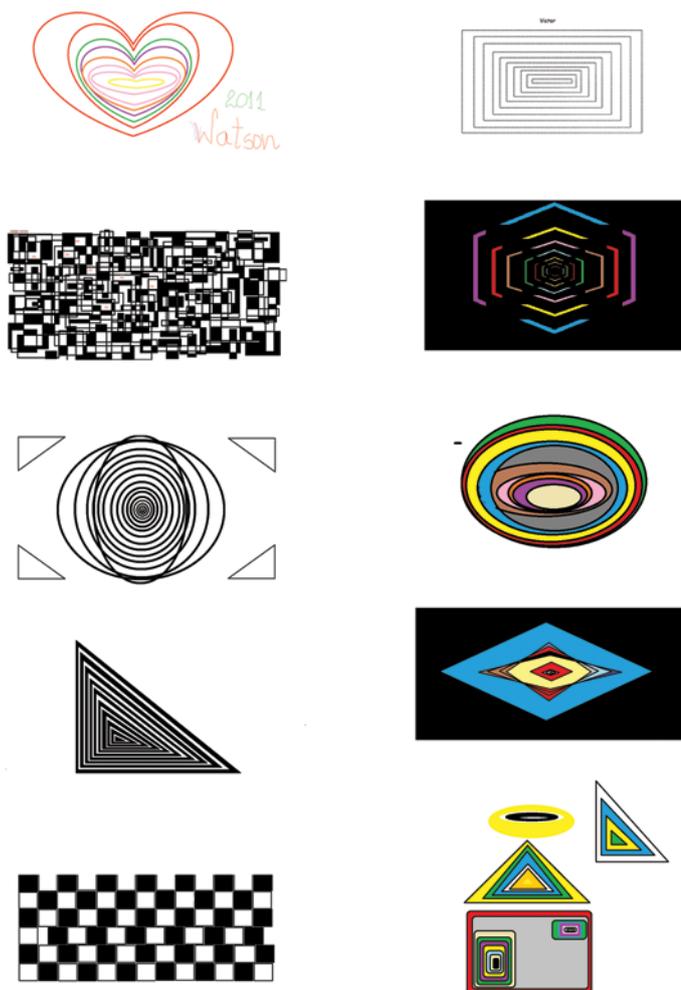


Figura 18: Produções, no software Paint, dos estudantes após a visita técnica à exposição



Capítulo 3

Ano 6: 2012

Pâmella Passos

*Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência
Me resumir a sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi*⁵

Começo esse texto com os versos do Emicida para afirmar o lugar de alegrias e afeto da Educação de Jovens e Adultos. Inúmeros são os artigos e livros que, acertadamente, denunciam o descaso com essa modalidade de ensino. Porém aqui, peço licença pois não falarei da sobrevivência da

EJA frente a tantos ataques, mas afirmarei a vivência, os encontros, as alegrias.

Foi com extrema felicidade que recebi o convite para participar desse e-book. O projeto “Imagens e Escrevivências: construindo a memória do PROEJA do Campus Rio de Janeiro” é a visibilidade dos possíveis, é a afirmação de que a História não é única e por isso é tão importante os múltiplos olhares e perspectivas. A metodologia de produzir textos a partir das fotos é muito potente por nos colocar em contato com os afetos de um tempo passado e registrado em imagens.



Figura 19: Estudantes no II FMEPT



Figura 20: Servidores e estudantes no II FMEPT

⁵ Música AmarElo - Emicida. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/emicida/amarelo-part-majur-e-pablio-vittar.html> Acesso em 21/11/2021.

Luta, Resistência e Empoderamento: Reflexões Sobre Prática de Ensino em História na Educação de Jovens e Adultos do IFRJ

Renata Brandão

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A REPÚBLICA DA ESPADA

Sob a República da Espada resistimos. Lutamos por um prato de comida, por um leito de hospital, por um cilindro de oxigênio.

Sob a República da Espada sertanejas e sertanejos fortes há 125 anos resistiram a quatro expedições militares contra o arraial em que viviam, a terra que plantavam e criavam seus filhos. A História do Arraial de Canudos no sertão da Bahia conhecida, como a “Guerra do fim do Mundo”, de um “fanático religioso” e sua massa de seguidores analfabetos e pobres é ainda, paradigmática



Figura 21: Entrada da exposição na Caixa Cultural

e, porque não dizer, ferramenta didática que nos auxilia a pensar e compreender política e socialmente o Brasil. Isso nos parece estar ainda enredado numa intrincada relação que envolve expressões religiosas, herança escravocrata e concentração de riqueza nas mãos de alguns grupos políticos e econômicos.

Sob a República da Espada, negros e negras ainda são a carne mais barata do mercado⁶, são maioria nos presídios, no subemprego, nas estatísticas de homicídios. E a desigualdade escolar entre o rico-branco e o negro-pobre é enorme.

Sob a República da Espada políticas de restrições e censuras a práticas docentes libertadoras vem sendo incentivadas e impostas, por grupos que defendem a chamada “Escola sem Partido”.

A República da Espada foi o nome dado e reconhecido durante boa parte do século XX nos livros didáticos como o período histórico que sucedeu ao golpe militar que deu fim ao Reinado de D. Pedro II e proclamou a República. O novo regime político, no entanto, não alterou as formas de governar das oligarquias dominantes impedindo o exercício pleno de uma cidadania, do exercício do voto e da democracia como convém a uma república. Nas mãos de governantes políticos, militares atrelados à influência política dos latifundiários e cafeicultores, os primeiros anos de nossa república foram marcados por autoritarismo e por violência militar e policial sobre os movimentos sociais que reclamavam por melhorias de condição de vida.

Nesse texto, trago reflexões da minha prática pedagógica, enquanto professora de história, na Educação de Jovens e Adultos em um dos *campi* do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, localizado no bairro do Maracanã. Em especial, escrevo sobre uma experiência vivenciada com estudantes da EJA há quase 10 anos que envolveu o estudo da Guerra de Canudos e culminou com a visita junto a outros professorxs a uma exposição de xilogravuras e desenhos do artista Adir Botelho, intitulada “Barbárie e espanto em Canudos”,

⁶ Trecho da música “A carne” composta por Marcelo Yuca e Sr. Jorge cuja interpretação de Elza Soares amplifica nossos sentidos.

no Centro Cultural da Caixa Econômica Federal. De lá para cá, nosso cenário político sofreu mudanças importantes, que culminou em novo golpe e a ascensão de uma classe política conservadora que, além de desestabilizar nossa economia, colocou sob suspeita e ameaça o processo de consolidação de uma escola cidadã, inclusiva e democrática que tinha ganhado fôlego nos últimos anos. Deste modo, este artigo é afetado por eventos funestos de um governo que evoca as forças militares como sinônimo de ordem e progresso e que permite perseguição e massacre de líderes de movimentos sociais indígenas e quilombolas por homens do agronegócio que cobiçam terras protegidas por nossa constituição de 1988. Esse texto também é afetado pelas histórias de vida que escutei como professora em nova experiência na EJA do IFRJ durante os anos de 2018-2020, além de tudo isso é afetado pela minha posição em defesa de uma educação humanista e atenta a empoderar estudantes, por meio da ampliação da leitura de mundo e luta pelo exercício pleno da cidadania.



Figura 22: Professoras e estudante (1)



Figura 23: Professoras e estudantes (2)

AS ALUNAS E ALUNOS DA EJA-IFRJ

Talvez seja repetitivo caracterizar o corpo discente de uma educação de jovens e adultos no Brasil e correr o risco de deixar escapar as especificidades de grupos que já passaram pela EJA-IFRJ. De um modo geral, as alunas e alunos da Educação de Jovens e Adultos têm um percurso educacional semelhante marcado pela descontinuidade na escolaridade, interrupções em função da gravidez e da necessidade de trabalhar, históricos de desistência e estigmas de fracasso escolar. São estudantes oriundos de famílias pobres, a maioria não-brancas, trabalhadores(as) assalariados(as) ou subempregados(as) que buscam a EJA como um meio, uma estrada, um percurso que sabem que devem trilhar para realizar seus sonhos. Sonhos de aprender a manusear um computador, de navegar na internet, de obter um diploma técnico que lhe favoreça a entrada no mercado de trabalho ou o desenvolvimento profissional com melhores salários. Me permito dizer que esses estudantes são sobretudo “uns fortes” para usar a expressão que Euclides da Cunha utilizou em *Os sertões*, obra que narra a “Guerra de Canudos” para descrever o sertanejo. Esses fortes chegam à sala de aula às 18 horas, após enfrentar um puxado expediente de trabalho, uma condução lotada e de almoçarem mal. E as mulheres, após um dia de trabalho doméstico,

de cuidado com as crianças, mães e outros idosos da família. Todos buscam sobreviver, após contornar inúmeras adversidades que estão presentes em seu cotidiano de poucos recursos financeiros, de sérios problemas, que vão desde a precariedade habitacional até a violência dos bairros ou das comunidades em que vivem.

Por este motivo, apostei (e ainda aposto) na história do Arraial de Canudos, assim como, em outras revoltas sociais como a revolta da chibata para exemplificar como podemos e somos sujeitos da história. Leciono história por meio da intertextualidade- cinema, música, arte- que ativa a memória de alunas e alunos, que se reconhecem nas desigualdades enfrentadas pelos sertanejos que deixaram suas casas e migraram em busca de novas oportunidades. Como os seguidores de *Conselheiro*, nossos (as) estudantes da EJA estão há muitos anos buscando caminhos, saídas e entradas ou um lugar de chegada que seja acolhedor, que abrace seus sonhos ou que simplesmente possibilite que eles voltem a sonhar.

Qual é a ressonância da história de canudos para uma estudante mulher negra, mãe solteira que passou metade da vida trabalhando como doméstica? E em um homem com mais de 50 anos que busca uma colocação melhor no mercado de trabalho? E um jovem de 20 anos que vivencia na pele o horror da repressão policial em sua comunidade?

As ressonâncias podem ser muitas, afinal Canudos sintetiza as dificuldades enfrentadas por famílias pobres, sem terras, mal assalariadas, os que foram libertos da escravidão e não ganharam um pedaço de terra cuja cor da pele limita sua ascensão social. Canudos representa a ausência do Estado em regiões periféricas onde o domínio dos senhores de terra, dos “coronéis” reproduz uma lógica privatista de exploração da terra e do ser humano sem pensar nas perspectivas futuras, na coletividade e no avanço da sociedade como um todo. Muitas interseções podem ser tecidas entre a história do sertão nordestino no final do século XIX que levou a formação do Arraial de Canudos com as favelas e as comunidades cariocas do início do século XX. Com

a história de vida das famílias de nossos(as) alunos(as), filhos(as) de migrantes, nordestinos que vieram para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida.

Mas como produzir essa ressonância? Os sentidos que promovem mudanças em nossas alunas e nossos alunos?

A HISTÓRIA DO ARRAIAL DE CANUDOS NA SALA DE AULA E PARA ALÉM DELA

Muitas são as ferramentas que podem ser utilizadas em uma aula de história, eu particularmente lanço mão das expressões artísticas, principalmente a música, o cinema e a arte visual. E muitas são as produções historiográficas, literárias, sociológicas e artísticas sobre a história de Antônio Conselheiro e o Arraial de Canudos que podem ser utilizadas em sala de aula. Por este motivo, a história de Canudos deve ser primeiramente abordada evocando a polissemia dos discursos sobre Canudos e os diferentes contornos que essa história ganhou em variados contextos políticos e culturais. Lembrar que a história não é escrita no singular, significa fazer com que os estudantes percebam que devem estar atentos às circunstâncias em que um documento foi escrito, uma história narrada, uma música composta, uma escultura forjada. Potencializar a capacidade de leitura, ler com contexto é alfabetizar politicamente nossos(as) alunos(as).

E a história de Antônio Conselheiro e a formação do Arraial de Canudos tem sido, ao longo de mais de um século, interpretada, construída e reconstruída pela historiografia, literatura, sociologia, teatro, cinema e música, demonstrando a força política desta história principalmente para os movimentos populares ligados à luta pela reforma agrária. Afinal, a história de Canudos evoca a concentração da propriedade de terra, a miséria, o analfabetismo, a falta de perspectiva e o desemprego no campo. Apesar das interpretações desta guerra envolverem diferentes pontos de vista, atores políticos e disputas ideológicas em torno do seu significado, resta uma narrativa que pode ser resumida na história de um homem religio-

so que marcha longos anos pelo sertão do nordeste brasileiro guiando e conquistando famílias inteiras por meio de sua oratória em busca de um lugar em que pudessem viver com mais dignidade e esperança. É na Bahia que Conselheiro e seus seguidores encontram o local onde podem formar seu arraial e vivenciar uma experiência de produção comunitária e coletiva.

A abordagem dessa história, na sala de aula, de modo a afetar e fazer sentido para os estudantes pode ser desenvolvida levantando as seguintes questões: Qual é o papel da religião na minha vida e na maneira como vejo e leio o mundo? De que modo compreendo a desigualdade social marcada por diferenças entre a oferta de educação, saúde e trabalho para homens e mulheres, para negros e brancos, para os periféricos e centrais, imigrantes e locais? Como percebo o território em que vivo, as relações entre as pessoas, as relações de trabalho, os privilégios e as dificuldades? Na minha experiência em sala com jovens e adultos do IFRJ, essas questões ganharam contornos muito subjetivos, relatos pessoais e, muitas vezes, de experiências dolorosas que são compartilhadas de modo que possamos vislumbrar as formas pelas quais o mundo social age na nossa história individual. Desta forma, podem-se dinamitar os discursos meritocráticos e individualistas que apostam em superação e transformação individual como meio de vencer a pobreza, o baixo salário e a falta de oportunidade. Por meio da narrativa histórica, crítica e reflexiva, buscamos trazer os questionamentos que afetam e fazem sentido dessa história para os nossos estudantes, ao ampliar sua leitura de mundo, de forma que percebam as marcas do social, do político e do econômico na sua trajetória de vida, além de perceber que a conquista de seus sonhos individuais não superarão a pobreza e as relações assimétricas de poder que, como se sabe, determinam as desigualdades sociais e, conseqüentemente, as violências, quer sejam da falta de emprego,

da habitação precária, da falta de saúde, da censura, da repressão policial, do machismo e do racismo. Buscar transformação individual é se engajar em lutas por mudanças sociais e em ações coletivas que, de fato, possam mudar a realidade de onde vivo e das pessoas com quem convivo. Só superaremos as nossas misérias se nos apropriarmos da ideia de que somos sujeitos da história e que podemos e devemos lutar pelo pleno direito de ser cidadão.

Os batuques do Olodum amplificam essas reflexões:

*Retirante ruralista, lavrador
Nordestino Lampião, salvador
Pátria sertaneja, independente
Antônio Conselheiro em Canudos presidente*

*Zumbi em Alagoas, comandou
Exército de ideais
Libertador, eu
Sou mandinga, Balaiada
Sou malê
Sou búzios, sou revoltas, arerê*

*Ô Corisco, Maria Bonita mandou te chamar
Ô Corisco, Maria Bonita mandou te chamar
É o vingador de Lampião
É o vingador de Lampião*

*Êta, cabra da peste
Pelourinho, Olodum somos do nordeste
Êta, cabra da peste
Pelourinho, Olodum somos do nordeste
Êta, cabra da peste
Pelourinho, Olodum somos do nordeste
Êta, cabra da peste
Pelourinho, Olodum somos do nordeste⁷*

⁷ Revolta Olodum, composição de José Olissan e Domingos Sérgio presente no álbum "10 anos: Do deserto do Saara ao nordeste Brasileiro" de 1994.

Capítulo 4

Ano 7: 2013

Aula de Biologia no laboratório... Tudo de bom!
Um relato de experiência com alunos da EJA

Tania Goldbach



Breve experiência, mas muito significativa.

Situação: Substituição da professora de biologia Ana Graça Valle de Carvalho⁸ que se licenciou para uma cirurgia e veio a falecer abruptamente, em 07 de fevereiro de 2014.

Este é um relato que fui provocada a registrar e refletir, produzindo o texto que está aqui apresentado. Confesso que fiquei em dúvida qual rumo iria tomar para dividir com os leitores o que esta experiência significou.

Minha primeira abordagem foi pensar no que foi atuar com turmas de Educação de Jovens e Adultos: no horário noturno, com um público que compartilha o cotidiano de “ser aluno/a” com o “ser trabalhador”. Certamente, um desafio para quem, como eu, na instituição – desde ETFQ até IFRJ – percorreu caminhos com outro público (ensino médio, graduação e pós-graduação), mas

que muito me lembrou o período de minha vida que participei como alfabetizadora popular em minha juventude.

Foi nesta ocasião que tive contato com o pensamento de Paulo Freire. E que marcou minha formação como pessoa e, também, germinou o profundo gosto pela educação, que carrego permanentemente comigo, mesmo em condição de estar aposentada.

Posso dizer que fui picada pela ideia freireana sobre o que é o ato educativo bem cedo, o que me fez optar por ser professora. Partir do cotidiano/contextualizar, travar relação afetiva com o outro, não agir de forma bancária (professor é o portador do conhecimento e aluno quem recebe), cultivar o diálogo, unir teoria e prática... talvez estes sejam seus grandes princípios educativos, presentes em seus primeiros escritos (FREIRE, 1985) – que permanecem vivos neste início dos anos vinte do século XXI, quando Paulo Freire completaria seu centenário. E

⁸ A professora de biologia, Ana Valle, será homenageada no texto intitulado "A Ana Graça, mais do que tudo a Nana" de autoria da Profa Florinda Nascimento Cersosimo e que está no próximo capítulo.

que foi motivo para continuar sendo lembrados em vários cantos do país e do mundo (BRANDÃO, 2015) por quem estuda e por quem vive a educação - tal como ocorreu na atividade “Conversa com Pesquisadores”, live mensal do Espaço Ciência Viva, que tive o prazer de organizar recentemente (“Paulo Freire vive!” – julho de 2021, com a Profa. Mariana Cassab e Prof. Pedro Pontual - https://www.youtube.com/watch?v=zP_ZH64E8YY).

Por que recupero essas influências e história pessoal? Entendo que são as inspiradoras do 1º slide que preparei para o início de minhas aulas com a turma INF 331. Certamente, nele está o ideário freireano, tal como expresso na “Carta aos professores”, ocasião que, após o exílio, Freire esteve na frente da gestão pública em São Paulo, clamando: “(...) a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejam nela capazes de associar, (...) os conceitos emergentes da experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade” (p.261, FREIRE, 2001).

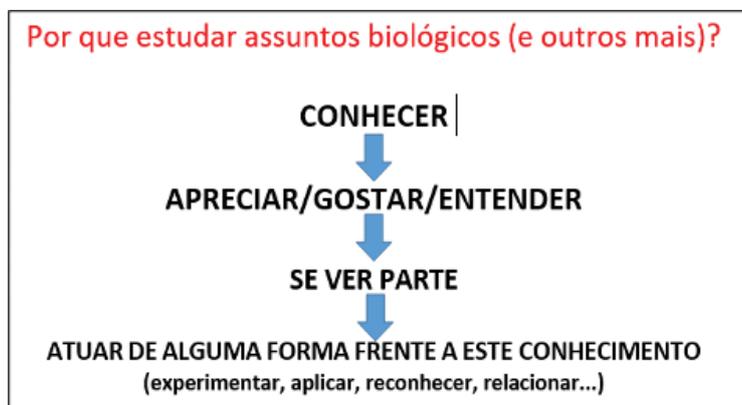


Figura 24: Slide usado na primeira aula de Biologia da turma INF 331

Com muito gosto, recupero esse slide que foi a motivação da primeira aula com a turma, para apresentar o conteúdo programático daquele semestre letivo. Sou totalmente adepta da ideia de que a construção

do conhecimento caminha junto da apreciação sobre o que se estuda. Apreciação no sentido amplo: podendo significar “apreciar o belo”, apreciar algo que se experimenta e perceberem-se transformações, apreciar o que se aplica e produz algo novo etc. Na biologia, essa convicção é muito clara quando se trata de observar elementos que constituem um todo e que permite constatar semelhanças, chegar a generalizações cabíveis por suas próprias experiências. O conhecimento ganha maior significação e é apropriado de forma efetiva e crítica. Foi esse meu objetivo ao mergulhar com a turma no estudo do mundo celular, o que destaco neste relato!

Dando algumas pitadas de história da biologia, que nos ajuda a olhar para os paradigmas fundamentais que estruturam esta grande área do conhecimento da natureza (e de nós mesmos!) reconhecemos alguns deles, que podem ser bem úteis para organização de conteúdos programáticos. Em especial, quando se trata de cursos que possuem uma reduzida carga horária para a disciplina biologia, adotar um enfoque/paradigma pode ser bastante pertinente (Carvalho, Nunes-Neto e El-Hani, 2011). Listo abaixo:

- Paradigma celular - Todo ser vivo é formado por células e as células provêm de outras anteriores. Existe uma grande diversidade de células identificadas por diferentes formas/função.
- Paradigma evolutivo - Os seres vivos e sua diversidade são frutos da evolução, entendida por possuir ancestrais que se modificam no tempo.
- Paradigma molecular - A composição de todos os seres vivos está na base do Carbono, existindo uma imensa interação metabólica interna de quebra e síntese de moléculas mediadas por proteínas que são codificadas na base da herança e dinamismo dos ácidos nucleicos.

- Paradigma ambiental/ecológico - Os seres vivos se relacionam uns com os outros formando redes tróficas e de associação necessária para a existência dos diversos ecossistemas.

Assim, a opção para as aulas da turma INF 331 foi focar no paradigma celular, inicialmente, uma vez que a instituição tem a tradição de aulas práticas e a possibilidade de realizá-las, com o uso de microscópios e lupas, só dependia de planejamento de ocupação do espaço e preparar os alunos para tal. Só pronunciar esta palavra “aula no laboratório” já foi uma grande alegria na sala, a ver em alguns dos registros fotográficos enviados por uma das alunas! Destaque para os sorrisos nos lábios!



Figura 25: Experimentando o laboratório de microscopia



Figura 26: A turma INF 331 e a professora



Figura 27: Estudantes em aula prática de microscopia



Figura 28: Estudante experimentando o microscópio



Figura 29: Professora preparando o material para a aula

Com o intuito de explorar o chamado paradigma celular, em uma perspectiva de unir teoria-e-prática foram explorados os seguintes itens, descritos sinteticamente no quadro abaixo, associando tópico com estratégia didática:

Quadro 1: Lista dos primeiros tópicos do programa da turma associados às estratégias de ensino

<p>a) Níveis de estudo do fenômeno da vida / escalas e dimensões.</p>	<p>Slides formato PPT elaborado pela professora com exibição dos vídeos “Zoom Cósmico” e “Potência de 10” para discussão sobre o tópico.</p>
<p>b) Constituição celular dos organismos vivos: variedade – forma & função</p>	<p>Exibição do vídeo premiado “Eu e meu corpo” produzido pelo IG Ciências, Portugal. Explora o conceito de células, sua diversidade, a relação forma-função e as diferentes metodologias usadas pelos cientistas na investigação. Dando ênfase na microscopia e na cultura de células.</p>
<p>Práticas com microscópio binocular e lupas estereoscópicas – uso de lâminas, lamínulas e corante; familiarização com preparo de materiais para visualização; entendimento das partes do instrumento e registro dos aumentos.</p>	<p>Foram realizadas três aulas-práticas consecutivas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação e uso das partes do microscópio, comparação com lupas estereoscópicas. Registros: - Observação de células diferentes providas dos cinco grandes grupos dos seres vivos (bactérias, protozoários em gota de poça, fungos, epiderme vegetal e animal (boca) - Observação de diferentes células de um mesmo organismo em preparações diferentes: folha e flor da trapoeraba roxa (corte paradérmico inferior e superior da folha, corte transversal e observação direta do estame)
<p>c) Núcleo / Cromossomos. Variedade nos organismos (mitose/meiose)</p>	<p>Slides com fotografias e esquemas e vídeos de empacotamento cromatina/cromossomo – associação com composição molecular</p>

Entendo ser importante dar ênfase e valor ao trabalho realizado no laboratório de microscopia – com “mãos-na-massa” – pois proporcionou uma vivência muito significativa

para todos: a oportunidade de conhecer os equipamentos ópticos, com a qualidade existente na instituição e vislumbrar o mundo microscópico gera experiências singulares.

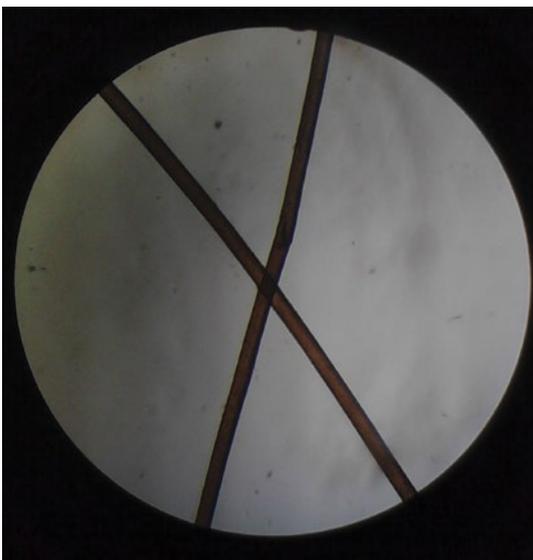


Figura 30: Objeto simples ao microscópio

Começamos com a observação de objetos simples do dia a dia como fio de cabelo, pedaços de unha e fibras de papel com letras escritas com caneta ou lápis. Um encantamento com a possibilidade de entender o mecanismo de centralização e focalização, além do cálculo de aumentos!

Na 2ª aula de microscopia, a abordagem foi “miscelânea celular” nos reinos dos seres vivos. As duas grandes bancadas do laboratório foram ocupadas por diferentes “estações” de materiais a serem observados ao microscópio e lupas, como exemplos de tipos celulares das bactérias (gota de infusão “velha”), dos protozoários (gota de infusão de folhas de lago), de fungos (porção de bolor em fruta apodrecida), de vegetal (epiderme de cebola) e de animal (esfregaço da bochecha interna da boca). Foi uma festa!

A terceira aula teve objetivo duplo: aperfeiçoar procedimentos de preparo de lâminas e constatar que um mesmo organismo possui células diferentes, dependendo do órgão que provêm e como são retiradas. Para tal, usamos uma plantinha típica de ornamento de jardins (trapoeraba roxa – cujo nome científico é *Tradescantia pallida purpurea*) com suas folhas e com flores íntegras. As células da epiderme inferior, se comparadas com as células da epiderme superior

das folhas – obtidas por um rasgão (corte paradérmico) bem feito - apresentam nítidas diferenças: as de baixo possuem estômatos e as de cima não. Discutir sobre isso, a partir da observação prática é uma boa provocação para o desenvolvimento do raciocínio biológico. Já as células observadas em um corte transversal da célula são repletas de cloroplastos. E como foi lindo observar – e não é algo trivial – as células dos pelos dos estames das flores, pois nestas conseguem-se acompanhar movimentos do citoplasma. São muito diferentes das demais.



Figura 31: Trapoeraba roxa – nome científico: *Tradescantia pallida purpurea*

Desta forma, e com a lembrança do envolvimento dos alunos com essa riqueza de atividades, fecho esse relato, constatando o quanto é importante e válido produzir momentos de aproximação dos alunos daquilo que estudam. São experiências para além de motivadoras, mas que produzem significado e geram aprendizados permanentes. Os alunos da EJA se mostraram extremamente maduros e engajados nas atividades, conseguindo aproveitar a totalidade do tempo com propostas longas e com o gostinho que “queremos mais”.

Quisera que este impulso de buscar e querer mais siga com eles em suas vidas! Pois a vida às vezes é curta, como foi da professora que substitui e a quem dedico esse relato, a professora Nana.

Referências citadas:

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, educar para transformar** (...) São Paulo: Mercado Cultural, 2005.
- Carvalho, Nunes-Neto e El-Hani. Como selecionar conteúdos de biologia para o ensino médio. In: **Revista de Educação, Ciências e Matemática** v.1 n.1 ago/dez. 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. São Paulo. In: **Estudos Avançados** 15 (42), 2001

Dicas para trabalho prático

- <https://genoma.ib.usp.br/protocolos-de-aulas-praticas/44> - para download de vários protocolos para observação microscópica
- <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=51849&opt=1> – para download livro “Biologia: aulas práticas / organizadores: Bianca Caroline Rossi-Rodrigues e Eduardo Galembeck. -- Campinas, SP :2012

Fontes dos vídeos citados

- Vídeo: “Eu e meu corpo”. Canal IGCiencia, Lisboa, Portugal. <https://www.youtube.com/watch?v=8u9l5c5jXhw>
- Zoom Cósmico - www.youtube.com/watch?v=VgfwCrKe_Fk Ver o livro inspirador do video: COSMIC VIEW: The Universe in 40 Jumps (1957). livro de Queens Boek <http://www.vendian.org/mncharity/cosmicview/>
- Potência de 10 (1977) <https://www.youtube.com/watch?v=0fKBhvDjuy0> filme ganhador de Festival Internacional de Filmes de Divulgação da Ciência - de Eames Demetrios for the Eames Office. Link dublado – <https://www.youtube.com/watch?v=e3i6do05gMc> Ver o site associado ao filme <https://www.eamesoffice.com/eames-office/>
- Vídeo Cosmic Voyage (1996) pequeno documentário produzido no formato IMAX format, dirigido por Bayley Silleck, produced by Jeffrey Marvin, and narrated by Morgan Freeman. <https://www.youtube.com/watch?v=44cv416bKP4>
- Excelente site – “Escala do Universo” - Tamanhos e escalas - <http://htwins.net/scale2/lang.html>

Capítulo 5

Ano 8: 2014

O Confronto de Ideias foi ao III Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica em 2015

Erica Almeida

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas (FREIRE, 1991, p.43).

Em 2014, fui convidada pela professora Telma Alves para participar como orientadora do Projeto Integrador (dora-vante PI) da turma de primeiro período (INF 311) do curso técnico de Manutenção e Suporte de Informática (MSI) do campus Rio de Janeiro. Em princípio, me parecia um pouco distante acreditar que poderia contribuir como docente-orientador de um PI em um curso técnico, sendo professora de português. Até então, a minha atuação nos projetos integradores do curso se restringia a ser uma avaliadora dos projetos ou a ajudar na revisão dos textos que seriam apresentados em slides, em cartilhas ou em outros gêneros que faziam parte dos produtos a serem apresentados pelos grupos de trabalho a cada período letivo.

Mesmo sem muita clareza sobre qual seria o meu papel contributivo na orientação de uma turma, dei continuidade ao diálogo e comecei a participar das aulas de PI, inicialmente destinadas à seleção do tema a ser trabalhado coletivamente. Pela prática, a escolha do tema do PI ocorre a partir do que os discentes se interessam por trazer à comunidade escolar. A turma apresentava uma característica muito marcante: gostavam de trocar ideias e de debater assuntos. Uma questão de matemática que propunha analisar gráficos sobre construções irregulares se tornou tema de discussão sobre os motivos e as consequências desse tipo de construção. Incentivados pelas professoras Telma e eu, os estudantes decidiram seguir por esse caminho, tendo como base o que estava sendo trabalhado no primeiro período nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa, que, de maneira direta ou indireta, tratava das questões lógicas e argumentativas.



Figura 32: Apresentação do júri simulado 1



Figura 33: Apresentação do júri simulado 2

Naquele momento, estávamos trabalhando em Língua Portuguesa a análise e a elaboração dos textos argumentativos, tendo em vista a construção e a refutação de teses, do ponto de vista a ser defendido pelo produtor, o que, em síntese, trata da construção lógica de argumentos, por isso os estudantes desejaram seguir por esse caminho. Foi então que surgiu a ideia de produzir ou reproduzir algo que pudesse mostrar a todos como as verdades ou as realidades são fruto de construções coletivas e não necessariamente correspondem à realidade dos fatos.

Nas nossas discussões, observamos, pela análise dos textos, que não há verdades absolutas e que podemos ter diferentes pontos de vista, ou “verdades” a serem defendidas. Foi fundamental, no processo, entenderem que essas “verdades” precisavam estar ancoradas em uma boa argumentação para terem credibilidade. Nesse sentido, foi importante que entendessem que a boa argumentação não tem relação necessária com a verdade, mas sim com a construção de premissas que possam levar a conclusões que sustentam a argumentação de fato. Usamos como base no trabalho textos de caráter argumentativo, como editoriais, em que, a partir de um mesmo tema, diferentes pontos de vista pudessem ser defendidos, cada um deles com sua argumentação própria.

Visando à quebra de tabus sobre “Verdade”, resolvemos trazer para a discussão coletiva o filme “Doze homens e uma sentença”, um drama jurídico de 1957, em que um jovem porto-riquenho teria ido à júri por ser acusado do homicídio de seu pai. O jovem, que teria sido vítima de uma infância difícil, de abandono, de violência, estava sendo acusado de ser o algoz de seu próprio pai. Na sala do júri, doze jurados deveriam decidir, por unanimidade, condenar ou absolver o réu. No caso específico, os jurados foram orientados a não votar pela condenação caso tivessem dúvida sobre o veredicto, uma vez que a pena para o homicídio na cidade de Nova York era a de morte.



Figura 34: Apresentação do júri simulado 3



Figura 35: Profas Orientadoras e estudante no III FMEPT

A partir da obra cinematográfica, conseguimos perceber como o jogo argumentativo em um tribunal se organiza, quais são as estratégias argumentativas usadas para o convencimento do outro, como é importante usar estratégias adequadas a fim de defender um ponto de vista. Em síntese, percebemos que a construção argumentativa se pauta, fundamentalmente, no levantamento de causas, consequências, alusões, exemplificações, comparações, citações, contra-argumentações. Dito de outra maneira, foi possível perceber que a construção de mundo, que as relações de poder coletivas, podem ser construídas e desconstruídas e, nas palavras de Freire (1991), usadas como mote dessa escrita, o ser humano é capaz de dominar a realidade, desafiando-a e por ela sendo desafiado, escrevendo a sua história e daqueles que o cercam. Desse contexto, foi decidido o trabalho de PI por meio de uma proposta de Júri-Simulado, em que os estudantes estariam divididos em grupos a fim de levantar pontos e contrapontos a partir do tema “Cotas raciais” com o intuito de convencer a plateia. Nesse sentido, cada grupo ficou responsável por construir argumentos a fim de defender a tese que havia sido defendida por cada “lado”. Na construção argumentativa, os estudantes tomaram como base a refutação de argumentos contrários, com vistas ao fortalecimento de um determinado ponto de vista.

A partir desse produto gerado, surgiu a ideia de levarmos o trabalho para o III Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica (FMEPT). Na oportunidade, o estudante Rodrigo Almeida foi o representante da turma no fórum e pôde participar não só do trabalho que foi apresentado em forma de pôster, mas de outras seções acadêmicas, que agregaram conhecimento, descobertas e desejos acadêmicos. Após terminar o curso médio, o estudante conseguiu ser aprovado no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. No entanto, hoje o estudante frequenta o curso de Produção Cultural no Campus Nilópolis do IFRJ.

É importante mencionar como foi agregador ao processo formativo do estudante a participação em PIs e Congressos. Dentre outros aspectos, podem desenvolver habilidades individuais e coletivas com vistas à implementação de um projeto único cuja função também é a de agregá-los em prol da elaboração de um trabalho em equipe.

Uma das aprendizagens que tive foi a de que os projetos integradores visam desenvolver o engajamento e a autonomia dos discentes a partir da orientação de um trabalho que integra diferentes áreas do conhecimento, com significativo desenvolvimento das potencialidades dos integrantes. De fato, foi o que aconteceu porque eu pude ver, na prática, a materialização e/ ou a construção do produto que foi gerado/construído coletivamente. Sem dúvida, ver como esses estudantes se desenvolveram foi muito enriquecedor. A argumentação, base do projeto integrador, representou não só a possibilidade da defesa de um ponto de vista, mas de uma forma de estar no mundo, na coletividade, pelo convencimento, um jogo permanente de poder nas relações sociais.

Referências bibliográficas

• FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

DOZE HOMENS E UMA SENTENÇA. Título original: "Twelve Angry Men". Direção: Sidney Lumet. Produção/Distribuição: Fox/MGM. Elenco: Henry Fonda, Lee J. Cobb, Ed Begley, E.G. Marshall, Jack Warden, Martin Balsam, John Fiedler, Jack Klugman, Edward Binns, Joseph Sweeney, George Voskovec, Robert Webber. EUA. 1957. Drama. DVD. 96 min.



Figura 36: Professora orientadora/autora

Como o Curso Técnico de Manutenção e Suporte em Informática mudou minha concepção do processo de ensino-aprendizagem

Livia Baptista Nicolini



Figura 37: Estudante apresentando o trabalho

Para começar esse texto, gostaria de me apresentar: meu nome é Livia, sou uma mulher branca, cis, heterossexual, classe média, professora de Biologia com mestrado e doutorado. Também sou casada há muito tempo e tenho três filhos. Por que colocar toda essa lista de atributos? Porque seria muito fácil viver na minha caixinha de privilégios e estar alheia ao mundo tão diverso que nos cerca. E, apesar de nunca ter sido tão na caixinha, o Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) me fez sair dela de vez!

Quando fui convidada para escrever esse texto, milhares de ideias e lembranças brotaram, mas não sei se darei conta de colocá-las tão bem aqui. Nunca fui muito boa com a escrita e penso mais rápido do que escrevo. Mas pretendo que esse texto seja um relato das minhas experiências no Curso Técnico

de Manutenção e Suporte em Informática. Na minha sala de aula, busco estar além dos conteúdos de Biologia. Para mim, uma boa turma é aquela em que relações interpessoais são estabelecidas. Nas conversas e trocas, os conteúdos vão sendo trabalhados e, com isso, podemos usar as dúvidas e experiências pessoais como fio condutor da disciplina.

Apesar de ser professora de Biologia, hoje me vejo muito mais como simpatizante das Ciências Humanas e é, nessa perspectiva, que busco fazer as minhas aulas mais plurais, tentando conversar com as diversas áreas de conhecimento. Nesse sentido, entendo que o ensino deve ser capaz de nos fazer pensar sobre o mundo e nossa realidade.

Dentre outros aspectos, as práticas pedagógicas devem nos permitir desenvolver as diversas formas de inteligência que constituem nossa espécie, para que sejamos capazes de estar no mundo e interagir com ele. Então, qual o melhor lugar para que essa ideia se desenvolva? Numa escola tão diversificada como o IFRJ. Nesse momento, gostaria de fazer um relato pessoal.

Quando passei no concurso para o IFRJ, eu estava pensando em desistir do magistério por uma série de motivos. Afinal, ser professora no Brasil não é uma coisa fácil. Mas me encantei pela instituição e principalmente por seus estudantes.

O magistério foi ressignificado para mim e, hoje, falo em alto e bom som que trabalho na melhor escola do mundo.



Figura 38: Professora orientadora/autora

Retomando... Quando comecei a trabalhar no IFRJ atuava em uma Pós-graduação, Graduação e no Ensino Médio Técnico/Proeja. Fiquei dois anos assim, depois saí de licença maternidade. Quando retornei, fiquei somente com turmas do Ensino Médio Técnico do diurno. Algum tempo depois, durante um ano, dei aula novamente no Proeja. Sendo assim, atuei durante seis semestres nesse curso.

Uma das primeiras que me chamou a atenção foi a diversidade de histórias de vida que poderiam ser contadas por esses/essas estudantes. Sempre tinha o momento “terapia” durante as aulas ou no corredor, em que conversávamos sobre os mais diversos temas, para além dos conteúdos de Biologia.

Sempre tento gravar o nome dos meus alunos, apesar de ter uma memória visual melhor, pois isso personifica a relação e diferencia cada um/uma na sua particularidade. E é nessa troca que também aprendemos sobre outras formas de estar no mundo e que contribuem para nossas vivências.

Porém, a disciplina de Biologia só é oferecida para os segundo e terceiro períodos, em apenas uma noite durante a semana. Na correria do dia a dia, muitas vezes não encontramos os demais professores/professoras e alunas/alunos do curso. Uma das

grandes diferenças desse curso técnico para os demais é a presença do Projeto Integrador. Um trabalho que é feito por todas as turmas, com a participação de quantos professores ou professoras puderem ou quiserem participar. Esse projeto tem o seu dia de culminância no qual todos apresentam seus trabalhos finais.

Pensando especificamente sobre o projeto, ele é uma demonstração de como podemos trabalhar de forma integrada e com diversos conteúdos, a partir das demandas desses/dessas estudantes, pois são eles/elas que escolhem o tema.

Tive o prazer de ser professora orientadora de um desses projetos logo no primeiro semestre que lecionei nesse curso. Foi uma experiência totalmente nova e desafiadora. Olhando para trás, percebo que poderia ter sido diferente. Fiquei muito focada na Biologia... Mas, o que é a sala de aula? Um local onde nós aprendemos também. Fiz o melhor que pude, mas hoje faria diferente, pois consigo enxergar com muito mais clareza a questão da integração de conteúdos de experiências de vida dentro de uma sala de aula.

Gostaria de finalizar meu relato agradecendo a oportunidade de ter vivido novas e ricas experiências e de ter aprendido muito com elas. Não sei se voltarei a dar aula no Proeja, mas com certeza esse curso tem um lugar de muito afeto na minha vida.



Figura 39: Professora orientadora/autora observando

A Ana Graça, mais do que tudo a Nana

Florinda do Nascimento Cersosimo

Escrevivências, posso traduzir como escrever as diferentes vivências e, se for isso, não podia haver proposta melhor para falar desse alguém que nascida em 1955 e, como ela mesmo dizia, a melhor safra de pessoas que o mundo já teve. Essa oportunidade me permite um universo de memórias muito especiais que passam pela amiga, colega de trabalho e, mais do que tudo, de uma pessoa que olhava o mundo por uma visão coletiva e de empatia muito própria. Quem era essa figura ímpar?

A Ana Graça, mais do que tudo a Nana. Sorriso largo, resposta rápida, abraço carinhoso e terno, acolhimento sem questionamento, apenas acolhimento. Claro que, de vez em quando, a Nana proferia meia dúzia de palavras não cultas, muito populares e inapropriadas, mas que precisavam ser ditas, mesmo que ninguém tivesse coragem de dizer, ela tinha.

Posso dizer que ela seria a representação de um pouco de cada um daqueles que passou pela sua vida. Mulher forte, empoderada, assumida, frágil, sentimental, irreverente, politizada, dona de seu próprio caminho, parceira, companheira, líder nata, autoritária, possessiva, enlouquecida, altruísta, arrojada, apaixonada, persistente e ávida por viver e deixar o outro viver, um ser muito especial.

Não sei se quando a qualifico com essas palavras, sou capaz de caracterizá-la de verdade e de forma completa e fidedigna, porque ela podia ter muitas faces e mudá-las a cada situação, assim como o movimento dos ventos modifica o percurso das águas do mar, mas sempre retorna à beira da praia.

E, por falar em mar, uma das suas grandes paixões como pessoa e como profissional, talvez por isso a biologia tenha sido a sua escolha de formação. No decorrer da sua vida, até mesmo nos últimos anos, Nana buscou conhecer e aprofundar-se no universo marinho, como boa mergulhadora e apaixonada por Arraial do Cabo.

Acho que o melhor é contar estórias para indicar que as nossas escrevivências sejam aquelas que foram vividas “ao vivo e a cores” ou “nos momentos de conto de causos”. Bem, conheci a Professora Nana nos idos dos anos 1990, ainda na Escola Técnica Federal de Química (ETFQ), época em que éramos um grupo muito menor do que somos hoje no *Campus* Rio de Janeiro, e todos nós nos conhecíamos, havia sempre discussões acaloradas nas reuniões de professores e nas assembleias da Associação de Professores e Servidores, mas o bom era o depois, numa mesa do “Bigode”, onde muitos planejamentos, reestruturações e soluções começavam a ser encaminhadas.

Não sei se foi no Bigode, em alguma festa ou em reunião do grupo que des-



Figura 40: Servidores em dia de apresentação de Projetos Integradores: ao centro a homenageada *in memoriam*

cobri que Nana, fazia leitura labial e sabia linguagem de libras. Lógico que esta descoberta não foi por conta de uma discussão pedagógica ou de currículo, mas de alguém advertindo: “não fala nenhum segredo de frente para ela, porque ela vai ficar sabendo”. É daí descobri sua origem institucional: o INES, Instituto Nacional de Educação de Surdos. Novamente, a capacidade de se colocar em universos bem específicos, mas de importância no atendimento ao outro. A humanidade transbordava dela com uma fluidez ímpar.

Conta a lenda que, no INES, ela não era diferente do que a conhecemos e que os alunos com necessidades específicas tinham uma parceira muito exigente quando se tratava do conhecimento em biologia, mas também uma amigona na troca de experiência de vida e de brincadeiras.

Na época da ETFQ, a professora de biologia, sempre em busca de incluir outros que não aqueles que tinham acesso através de concursos, resolveu junto com outras três pessoas assumir o que hoje seria a Pró-reitoria de Extensão e, neste setor, foram desenvolvidos projetos de ensino com as comunidades e de prestação de serviço. Posso lembrar bem do Projeto VIVA RIO, pelo qual a Escola certificava o primeiro e o segundo segmento do ensino fundamental, o que hoje seria algo semelhante ao trabalho de certificação para a Educação de Jovens e Adultos.

Foi membro participante de projeto na Baixada Fluminense, chamado Nova Baixada, onde o foco era a formação de agentes ambientais e aí, mais uma vez, atuou no sentido de preservar a natureza e de assistir a uma população carente de cuidado e formação. Esta era uma marca registrada, estar onde as pessoas precisam, demonstrando o puro sentido de um servidor público.

Nas lutas pelos direitos dos professores, foi Presidente da nossa associação ou simplesmente uma associada ativa e, neste contexto, várias lutas de manutenção da nossa instituição e da nossa autonomia foram travadas, seja com greve, movimentos e passeatas, por isso podemos dizer: “Nana, sempre presente”.

Continuando, a professora Nana ainda tinha um longo percurso e muita capacidade de enfrentar novos desafios na vida pro-

fissional e na vida pessoal.

Com a criação dos Institutos Federais e sua expansão, Nana foi chamada a assumir a missão de implantar um novo Campus e, como um retorno ao passado, lá foi ela para a cidade de Arraial do Cabo. Junto com ela, alguns velhos e novos amigos assumiram a missão de proporcionar o acesso de uma comunidade a um ensino público e de qualidade. E, assim, pedido feito, pedido implantado, com conseqüente satisfação da comunidade regional, mas isso era apenas o começo. Foi uma Diretora Geral de Implantação aguerrida, sem medo de lutar pelo o que queria e o que a comunidade e o Instituto precisavam. Tenho, nas minhas lembranças, os comentários de outros Diretores, com registros que vão da pertinência e da adequação à verdadeira e total falta de lucidez, mas este é o jeitinho Nana de ser: consistente, mas muito polêmica.

O ciclo de Arraial foi encerrado e ela retornou para o seu *Campus* de origem, o Maracanã, hoje o oficialmente *Campus* Rio de Janeiro, e lá estava eu, como Diretora de Ensino, e me lembro como se fosse hoje: “Flor, estou de volta. Onde você vai me colocar dando aula?”. A partir dessa frase, as conversas começaram e uma das coisas que sempre foram marcantes na personalidade da Nana era o espírito inclusivo e de ser capaz de interferir de forma contundente na evolução socioeconômica e de formação integral da comunidade que podíamos atingir.



Figura 41: Estudante e professora em visita técnica ao Jardim Botânico



Figura 42: Professora e estudante em visita técnica ao Jardim Botânico

E aí, não podia ser diferente, “Flor, quero trabalhar com o PROEJA.” E assim foi ministrar aulas de biologia e, imediatamente depois, orientar Projetos Integradores, bem como participar da organização do evento que apresentava a culminância dos PIs e que era tão importante para o *Campus*. Creio que tenho que registrar a bronca que levei sobre o apoio que a Direção dava a esse evento e sobre a minha incapacidade, enquanto gestora, de suspender as aulas do *Campus* para que todos pudessem assistir às apresentações dos Projetos Integradores. Bem, o que dizer, a não ser “Vou ver o que posso fazer”. Uma das coisas que muito antes das políticas implantadas pelos Núcleos estruturantes teve início com a Nana foi disponibilizar, além da sua carga horária, os horários para acompanhar alunos, como aqueles com baixa audição e que, mesmo com uso de aparelho, precisavam de aulas de reforço e isso foi um modelo implantado, que surtiu bons resultados e, atualmente, se consolida nas ações do NAPNE.

Creio que muito teria para falar e com certeza outras pessoas poderiam tornar essas páginas em muitas outras páginas e aí um livro com as memórias seria algo de boa e enriquecedora leitura. A vida nos coloca desafios outros e, no caso da Nana, duas doenças levaram-na a dizer “Até qualquer dia”, mas, lógico, que este momento não

poderia ser diferente do seu jeito de ser. Eu, ao chegar ao seu velório, ouvi de uma professora do *Campus* Arraial do Cabo o seguinte: “Você é a Florinda?” E eu respondi afirmativamente: “Sim, sou sim”. E a professora emendou: “Olha, acho que ela não conseguiu te dar uma missão, porque ela não acreditava que iria embora tão cedo, mas ela me disse que a sua missão seria a de, no velório dela, manter a cerveja para todos e que, antes do final do velório, deveria ter o Diogo Nogueira cantando um samba para se despedir dela”. Não me surpreendi, porque, com certeza, nem no momento triste de sua despedida, ela deixou que fosse só tristeza, esse desejo era uma gaitice do pessoal da safra especial de 1955.

Podia ainda lembrar de causos e causos, mas preciso terminar dizendo que não consigo dizer “adeus” a essa minha Amiga, apenas “até um dia” e, para ajudar a traduzir o que creio ser o que todos que a conheceram e eu chamamos de nossa amizade, trago um texto de Fernando Pessoa que traduz de forma muito concreta isso:

“Amigo Aprendiz”

“Quero ser o teu amigo.

Nem demais e nem de menos.

Nem tão longe e nem tão perto.

Na medida mais precisa que eu puder.

*Mas amar-te sem medida e ficar na tua vida,
Da maneira mais discreta que eu souber...”*

Para encerrar e cumprir a missão que a própria Nana não conseguiu me repassar, mas que como amiga quero cumprir, deixo este link do Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=hbduaCi48XI>), onde o Diogo Nogueira canta uma música chamada “Coragem”. Espero que, ao escutarem, entendam o que é a essência da Nana que, dentre outros aspectos, é ter coragem.

Ana Graça, Nana, minha amiga, prazer ter podido fazer este texto para você e, deixando a cerveja para outro local e oportunidade, espero que, onde você estiver, tenha gostado e receba todo o meu carinho e o meu respeito.

Capítulo 6

Ano 9: 2015

Girl Power Tech 2015

Rita de Cássia Cordeiro de Castro

O curso Técnico de Manutenção e Suporte em Informática (MSI) do IFRJ possui uma parceria com o Programa de Responsabilidade Social da empresa de Tecnologia da Informação (TI) Cisco, o Networking Academy. Sendo, portanto, credenciado como uma Academia Cisco, estando habilitado a ofertar, para a comunidade acadêmica, cursos nas áreas de Redes de Computadores, Hardware, Segurança da Informação, dentre outros, procurados pelos técnicos da área de Tecno-

logia da Informação e Comunicação (TIC). A Cisco Networking Academy (Cisco, 2021) é um programa global de educação em TI e segurança cibernética que oferece cursos, ferramentas e recursos para ajudar pessoas de todas as origens a participar da economia digital. O programa ajuda os alunos a desenvolver habilidades do setor sob demanda e os conecta com colegas, mentores e empregos reais. Atualmente a Cisco Networking Academy atua em mais de 180 países.



Figura 43: Professora e estudantes em visita à Cisco



Figura 44: Professora e estudantes

Anualmente, a Cisco promove um evento denominado Girls Power Tech (GPT), uma iniciativa global que é uma oportunidade especial de aprendizado para meninas e jovens se conectarem com mentores da Cisco em escritórios ao redor do mundo. Nesta ocasião, mulheres interessadas em atuar nas áreas de TIC se reúnem para uma série de palestras e relatos de experiência sobre a trajetória profissional de outras mulheres.

Em 2015, por ocasião do Girls Power Tech, a Cisco contabilizou a participação de mais de 3.300 mulheres de 56 países em 91 locais. Neste ano, um grupo de alunas do MSI, do Campus Rio de Janeiro, participou do evento tendo a oportunidade de perceber que empresas de Tecnologia da Informação possuem uma demanda por mão de obra qualificada, além de reconhecer que é um imperativo global empoderar mulheres e meninas para atuar nas áreas de ciência e tecnologia. Desde então, anualmente, as alunas do MSI são convidadas a participar das edições do Girls Power Tech.

novas buscas, descobertas, compreensões e reconstruções de conhecimento”. Objetivos estes norteadores da disciplina PI, do citado curso, em seus eixos temáticos. Essa disciplina contribui para a construção de uma visão ampliada, por parte dos discentes, no que se refere, também, às transformações no mundo do trabalho associadas aos avanços tecnológicos e à aplicabilidade das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

O trabalho aqui relatado foi apresentado no formato de pôster no III Fórum de Educação Profissional e Tecnológica (FMEPT), ocorrido em Olinda, Pernambuco, de 26 a 29 de maio de 2015. Fruto da produção dos alunos do 4º período do curso técnico em Manutenção e Suporte em Informática do IFRJ, *Campus* Rio de Janeiro, na disciplina Projeto Integrador IV, no semestre de 2014.1. O projeto teve como objetivo apresentar um panorama da *Deep Web*, buscando relacioná-la a aplicações práticas e lícitas, desvinculando-a dos aspectos negativos e do uso pernicioso, geralmente, a ela atribuídos.

Desmitificando a DeepWeb

Rita de Cássia Cordeiro de Castro

A disciplina de Projeto Integrador (PI) tem obtido êxito como estratégia de aplicação da interdisciplinaridade no currículo pedagógico do Curso Técnico Integrado de Manutenção e Suporte em Informática, na modalidade EJA do IFRJ, *Campus* Rio de Janeiro. Segundo Prado (2003, p. 01), “na pedagogia de projetos, o aluno aprende no processo de produzir, de levantar dúvidas, de pesquisar e de criar relações, que incentivam



Figura 45: Orientadoras do Projeto



Figura 46: Orientadora do Projeto

O objeto de estudo desta pesquisa é a "internet invisível", comumente denominada Web Profunda (*Deep Web*), porção da web em que, propositalmente, os conteúdos são indexados de forma a ludibriar os motores de buscas dos navegadores tradicionais (*o Google, o Bing e o Yahoo*). Estima-se que o conteúdo da *Deep Web* é cerca de 550 vezes maior do que a web visível, por isso os mecanismos de buscas e de pesquisas tradicionais não são capazes de detectar todo o conteúdo disponível na rede mundial de computadores (FREITAS, 2012). Embora a *Deep Web* seja considerada um território "perigoso", onde o risco de contaminar-se com um vírus ou ter o computador invadido por hackers e crackers é muito maior, seu padrão de usabilidade vem adquirindo formas mais lícitas de utilização. Segundo Freitas (2012), o produto das intervenções feitas pelos usuários nas diversas aplicações da web, de forma involuntária ou não, gera diariamente uma grande massa de dados com algumas dezenas de *petabytes*⁹ de

dados na rede, considerando as aplicações provenientes da Internet visível e acessível por todos. Por isso, é preciso investigar o armazenamento de informações confiáveis na porção invisível da web. Dessa forma, a proposta da turma INF 341 para o desenvolvimento do PI foi investigar os usos lícitos da *Deep Web*, por meio de um mapeamento de sites com conteúdos confiáveis.



Figura 47: Orientadora e estudante



Figura 48: Estudante ao lado do poster

⁹ O **petabyte** é um múltiplo da unidade de informação byte. O prefixo *peta* indica a décima quinta potência de 1000 e significa 10^{15} no Sistema Internacional de Unidades (SI). O símbolo do petabyte é **PB**.

Visando atingir os objetivos propostos, neste trabalho de pesquisa, foram realizadas as etapas descritas no quadro 01. Na abordagem inicial, procedeu-se à seleção de documentos por meio de um levantamento bibliográfico, com o intuito de rastrear informações sobre o tema abordado, além da seleção dos trabalhos relevantes. Os alunos foram orientados em como utilizar técnicas de pesquisa na internet, por exemplo, a seleção de sites com informações confiáveis e a utilização de operadores lógicos para refinar os parâmetros da pesquisa.

Em um ambiente seguro, os alunos simularam o acesso a alguns sites da *Deep Web*, utilizando-se de máquinas virtuais e do navegador *Thor*, com o objetivo de conscientizar os alunos dos perigos de acessar o ambiente da *Deep Web* sem os devidos mecanismos de segurança cibernética. Na apresentação da culminância do PI, os alunos criaram um ambiente sensorial simulando as várias camadas da web, bem como os perigos dos acessos sem os mecanismos de segurança devidamente configurados.

Quadro 1 – Etapas do Projeto

AÇÃO	ENVOLVIDOS	RECURSOS UTILIZADOS
Leitura de materiais sobre a problemática a ser estudada. Pesquisa bibliográfica.	Todos os alunos	Computadores, Acesso à Internet, criação de pasta compartilhada no Google Driver.
Criação de um ambiente simulado, controlado e seguro, para acesso a sites da <i>Deep Web</i> .	Todos os alunos	Criação de máquinas virtuais com o software VirtualBox, Acesso à Internet.
Análise dos conteúdos encontrados.	Todos os alunos	Computadores, Acesso à Internet, utilização da pasta compartilhada no Google Driver.
Concepção de um ambiente lúdico, simulando as camadas da Web e seus riscos de acesso.	Todos os alunos	Materiais diversos: luzes, caixa de som, computador, etc.
Seminário de Apresentação dos resultados	Todos os alunos	Apresentação no auditório. Ação comunitária.
Construção de um relatório da pesquisa, conforme determinação do professor orientador.	Todos os alunos	Computadores, acesso à Internet, utilização da pasta compartilhada no Google Driver.

Fonte: Autoria própria

A partir do trabalho de pesquisa desenvolvido, foi possível mapear aplicações e ferramentas para uso lícito da *Deep Web*, como a utilização para fins acadêmicos, sociais, tecnológicos, como a mineração de dados em Big Data, e acesso a conteúdo técnico.

Quadro 2 – Aplicações de uso lícito na *Deep Web*

Uso	Aplicabilidade	Autor – Site
Acadêmico	<p>Intute - Voltada para as universidades mais conceituadas do Reino Unido, permite em sua navegação a escolha do conteúdo tanto por assunto quanto por palavras-chave para assuntos acadêmicos, como Agronomia, Medicina, Engenharia, etc.</p> <p>DeepWebTech - Junção de cinco motores de busca, onde cada um deles possui um tema específico para alguma área, como medicina, ciências e negócios.</p>	<p>Souza, Linhares, et.al., 2014 Disponível em: http://www.intute.ac.uk/</p> <p>Disponível em: http://www.deepwebtech.com/</p>
Extração de Dados	Mineração de Big Data para pesquisa em saúde e em diversas áreas.	Santos, et.al., 2014
Aspecto Social	Motivado pelo desejo de que a internet se mantenha livre de qualquer espécie de controle governamental e/ou das estratégias de marketing que ignoram princípios básicos da privacidade.	<p>Oliveira, Totti, et. al., 2013 Projeto FreeNet Disponível em: https://freenetproject.org/whatis.html</p>
Pesquisa de conteúdo	Scirus - Motor de busca voltado para pesquisa científica.	Disponível em http://www.scirus.com/srsapp/
Acesso a conteúdo técnico	TechXttra - Ferramenta voltada para a Matemática, Engenharia e Computação, permite acesso a dados e relatórios técnicos.	Disponível em http://www.techxtra.ac.uk/index.html
Acesso a conteúdo técnico	InfoMine - construído por bibliotecas Norte Americanas. Possui vários tipos de conteúdos, como livros eletrônicos, artigos, diretórios de pesquisadores, entre outros assuntos.	Disponível em: http://infomine.ucr.edu/

O presente estudo, sem esgotar o tema, apresentou um panorama da *Deep Web*, buscando relacioná-la a aplicações práticas e lícitas. A cada dia, este ambiente está ficando cada vez mais profundo, sua massa de dados cresce exponencialmente, complicando, em parte, os esforços para compreendê-la em sua totalidade. Em linhas gerais, o que se observa é que, raramente, se menciona o potencial inexplorado da *Deep Web*, que traz diferentes conteúdos como livros raros, artigos científicos e fóruns de discussões específicas. De fato, o que atrai mais os leitores são os artigos

sobre drogas ilegais e armas, em detrimento daqueles que detalham os desafios técnicos da coleta de dados em tal ambiente.

O projeto também identificou um dos motivos que leva parte dos usuários da Web visível recorrer à navegação anônima na *Deep Web*: a fuga do monitoramento dos sites de busca, que tentam, a todo custo, identificar os hábitos de uso para poder exibir a publicidade que melhor se encaixa em cada perfil pessoal. No final, compreendê-la seja, talvez, o maior desafio por trás da Internet que nós criamos.

Referências bibliográficas:

- CRUZ, Bruna Paula et al. O Projeto Integrador no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense-Campus Itaperuna, RJ: uma experiência em integração e interdisciplinaridade. **Educação & Tecnologia**, v. 20, n. 2, 2019.
- DE OLIVEIRA CUNHA, Teresa Claudina; RABELO, Patrícia Seixas Tinoco; CABRAL, Cely Pesanha. Projeto Integrador: Educar pela Pesquisa. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v. 10, n. 28, p. 50-59, 2020.
- PRADO, M. E. B. B. Pedagogia de projetos. **Série “Pedagogia de Projetos e Integração de Mídias”-Programa Salto para o Futuro**, Setembro, 2003.
- FREITAS, Ladislau; **Deep Web: conheça o submundo da Internet**. 25/07/2012. Disponível em <https://blogdojoaosorio.blogspot.com/2014/12/deep-web-conheca-o-submundo-da-internet.html>. Acessado em 03/12/2021
- OLIVEIRA, F. M.; TOTTI, M. E. F.; SOUZA, C. H. M. **A web invisível e seus aspectos tecnológicos e sociais**. In: II Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, Belo Horizonte.
- SANTOS, A. M. et al. Desenvolvimento de Ferramenta de mineração de big data na web profunda (deep web) para a pesquisa em saúde: **o caso das doenças negligenciadas**. 2014.
- SOUZA, A. A. S. et al. **DEEP WEB-A face oculta da internet, o que ela oferece de útil para a área acadêmica**. Anais do Encontro Regional de Computação e Sistemas de Informação, Manaus – AM, 2014.



DESMITIFICANDO A DEEP WEB

Rita de Cássia C. Castro¹, Katia Cristina B. da Rocha², Raiane L. de Paiva, Ana Paula Polonio,
Rafael H. da Silva. (Rita.castro@IFRJ.edu.br; katia.rocha@ifrj.edu.br)

Introdução

O objeto de estudo desta pesquisa é a "internet invisível", comumente denominada Web Profunda (*Deep Web*), que os mecanismos de buscas e pesquisas tradicionais não são capazes de detectar. Embora a *Deep Web* seja considerado um território "perigoso", onde o risco de contaminar-se com um vírus ou ter o computador invadido por *hackers* e *crackers* é muito maior, seu padrão de usabilidade vem adquirindo formas mais lícitas de utilização.

O presente trabalho foi apresentado pelos alunos do 4º semestre do curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática do IFRJ, *campus* Rio de Janeiro, na disciplina Projeto Integrador. Tendo como objetivo apresentar um panorama da *Deep Web*, buscando relacioná-la a aplicações práticas e lícitas, desvinculando-a dos aspectos negativos e do uso pernicioso a ela atribuído.



Figura 01 – Infográfico – Representação da Deep Web
Fonte: Freitas, 2012.

Metodologia

Os procedimentos metodológicos, visando atingir os objetivos propostos, neste trabalho de pesquisa foram divididos em duas etapas, conforme apresentados a seguir:

Na primeira etapa, adotou-se como abordagem inicial a seleção de documentos por meio de um levantamento bibliográfico, com o intuito de selecionar informações sobre o tema abordado, além da seleção dos trabalhos relevantes.

Na segunda etapa, como forma de explanação do conteúdo os alunos criaram um ambiente sensorial simulando as várias camadas da web, similar ao modelo arquitetônico exposto na figura 02.

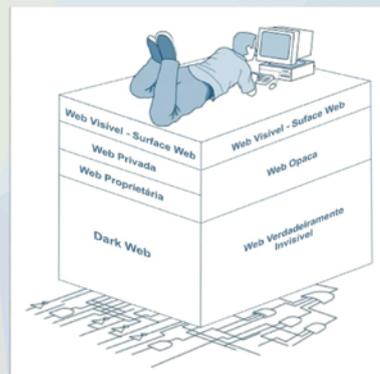


Figura 02: As camadas da Web
Fonte: Adaptado de Ford e Mansourian (2006, p.585) apud Oliveira, 2013.

Resultados

A partir do trabalho de pesquisa desenvolvido foi possível mapear aplicações e ferramentas para uso lícito da *Deep Web*, como a utilização para fins acadêmicos, sociais, tecnológicos, como a mineração de dados em Big Data, e acesso a conteúdo técnico. A tabela 01, com seu conteúdo resumido, apresenta os principais resultados.

Tabela 01 – Aplicações para uso lícito da Deep Web

Uso	Aplicabilidade	Autor - Site
Acadêmicos	Intute - Voltada para as universidades mais conceituadas do Reino Unido, permite aos usuários a escolha do conteúdo tanto por assunto quanto por palavras-chave para assuntos acadêmicos, como Agronomia, Medicina, Engenharia, etc.	Souza, Ladislau, et al., 2014 Disponível em http://www.intute.ac.uk/
	DeepWebTech - coleção de cinco motores de busca, onde cada um deles possui um tema específico para alguma área, como medicina, ciência e tecnologia.	Disponível em http://www.alopnexus.com/
Extração de dados	Mineração de Big Data para pesquisa em saúde e em diversos áreas.	Santos, et al., 2014
Aspecto Social	Motivado pelo desejo de que a internet se mantenha livre de qualquer espécie de controle governamental e das estratégias de marketing que ignoram princípios básicos da privacidade.	Oliveira, Foni, et al., 2013 Projeto FreeNet Disponível em https://freenetproject.org/projects.html
Pesquisa de conteúdo	Scirus - Motor de busca voltado para pesquisa científica.	Disponível em http://www.scirus.com/scirp/
Acesso a conteúdo técnico	TeoXtra - Ferramenta voltada para a Matemática, Engenharia e Computação, permite acesso a dados e relatórios técnicos.	Disponível em http://www.teoxtra.net/pt/inf.html
Acesso a conteúdo técnico	InfoMine - construído por bibliotecas Norte Americanas. Possui vários tipos de conteúdos como livros científicos, artigos, diretórios de pesquisadores, entre outros assuntos.	Disponível em http://informa.scrib.ac.uk/

Conclusão

O presente estudo, sem esgotar o tema, apresentou um panorama da *Deep Web*, buscando relacioná-la a aplicações práticas e lícitas. A cada dia este ambiente está ficando cada vez mais profundo, sua massa de dados cresce exponencialmente, complicando, em parte, os esforços para compreendê-la em sua totalidade. Raramente menciona-se o potencial inexplorado da *Deep Web*, artigos sobre drogas ilegais e armas, obviamente, atraem mais leitores do que aqueles que detalham os desafios técnicos da coleta de dados em tal ambiente. No entanto, foi possível identificar que um dos motivos que levou parte dos usuários da Web visível recorrer à navegação anônima na *Deep Web* relaciona-se com o monitoramento e o comportamento dos sites de busca, que tentam, a todo custo, identificar seus hábitos de uso para poder exibir a publicidade que melhor se encaixa em seu perfil pessoal. A *Deep Web* traz diferentes conteúdos como livros raros, artigos científicos e fóruns de discussões específicas. No final, compreende-se a seja, talvez, o maior desafio por trás da Internet que nós criamos.

Bibliografia

- OLIVEIRA, F. M.; TOTTI, MARIA EUGÊNIA FERREIRA; SOUZA, CARLOS HENRIQUE MEDEIROS. A web invisível e seus aspectos tecnológicos e sociais. In: **II Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, Belo Horizonte**. Retrieved from <http://www.2coninter.com.br/artigos/pdf/280.pdf>. Acesso em. 2013.
- SANTOS, André Moraes et al. DESENVOLVIMENTO DE FERRAMENTA DE MINERAÇÃO DE BIG DATA NA WEB PROFUNDA (DEEP WEB) PARA A PESQUISA EM SAÚDE: O CASO DAS DOENÇAS NEGLIGENCIADAS. 2014.
- SOUZA, Antonio Alberto Silva et al. DEEP WEB-A face oculta da internet, o que ela oferece de útil para a área acadêmica. Anais do Encontro Regional de Computação e Sistemas de Informação, Manaus – AM, 2014.
- FREITAS, Ladislau; Deep Web: conheça o submundo da Internet. 25/07/2012. Disponível em <http://www.superdownloads.com.br/materias/6136-deepweb-conheca-submundo-da-internet.htm> . Acessado em 03/12/2014

Inserir texto



Figura 49: Pôster apresentado no III FMEPT em 2015

(V)EJA o Museu Casa do Pontal

Katia Correia da Silva

Em fins dos anos de 1990, durante minha graduação em Ciências Sociais na UERJ, pesquisei os impactos da formação profissional na vida laboral dos egressos de um curso de formação de artífices para o setor ferroviário do Rio de Janeiro. Nas entrevistas com esses ex-alunos, era possível ouvir seus anseios, suas experiências no mundo do trabalho, suas expectativas de inserção no mercado, enfim, tentava compreender de que maneira a formação profissional afetava suas trajetórias na vida adulta. No mestrado em Sociologia, dei prosseguimento à minha pesquisa, então, continuava ligada ao tema educação profissional. No final de 2008, prestei concurso para o CEFETEQ/RJ - Centro Federal de Educação Tecnológica de Química do Estado do Rio de Janeiro. A instituição estava em plena transição de CEFET para Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), pois, em dezembro de 2008, havia sido instituída a Lei nº 11.892 que criou os Institutos Federais. Em fevereiro de 2009, tomei posse no IFRJ como professora das licenciaturas de Física e Matemática. Ao ingressar na instituição eu estava novamente ligada à Educação Profissional, porém, ingressava em uma instituição em transformação, pois, apesar

de ter prestado concurso para atuar nas licenciaturas no *Campus* Volta Redonda, eu deveria lecionar em vários níveis e modalidades de ensino, em diversos cursos, trabalhando com ensino pesquisa e extensão. E, assim, sem entender muito bem a natureza do trabalho docente verticalizado¹⁰ dos Institutos Federais, comecei minha carreira como professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT)¹¹.

Foi então que, entre os anos de 2014 e 2015, já atuando no *Campus* Rio de Janeiro e iniciando o doutorado na UERJ, passei a me dedicar quase que exclusivamente ao curso noturno de Manutenção e Suporte em Informática (MSI), na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA¹²). No IFRJ, a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, articula-se com o Ensino Médio e com as dimensões do trabalho, da tecnologia, da ciência e da cultura, incluindo a modalidade EJA, ao receber os jovens e adultos que não completaram os anos da educação básica em idade apropriada. Foram anos em que pude conviver com praticamente todas as turmas de EJA. Friso esses anos como importantes na minha atuação docente no IFRJ, pois me identificava com as questões que os estudantes da EJA enfrentavam ao conciliar os estudos com o trabalho, assim como aqueles estudantes, eu estudava em um turno e trabalhava em outro. Eu estava, como os estudantes, em busca de uma formação que me possibilitasse melhorias salariais, era muito comum ouvir dos alunos que desejavam agregar uma formação profissional aos seus currículos de forma que tivessem maiores ganhos econômicos e melhores condições de trabalho.

¹⁰ Nos institutos Federais os docentes lecionam em diferentes modalidades e níveis de ensino, desde o ensino básico até a pós-graduação.

¹¹ Para melhor entendimento sobre a abrangência da atuação dos professores EBTT, é preciso compreender que a educação brasileira está dividida em dois níveis de ensino, conforme artigo 21 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB): I - Educação Básica - Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio; II - Ensino Superior que podem ser de Tecnologia, Bacharelado e Licenciatura. No que se refere às formas de articulação com a Educação Técnico-Profissional, a formação de nível médio pode ser oferecida nas seguintes formas: Integrada; Concomitante e Subsequente. E, em se tratando de modalidades de ensino, temos: Presencial; a distância; EJA (Educação de Jovens e Adultos).

¹² O curso tem a duração de 3 anos, e é dividido em 6 semestres, indo do 1º ao 6º período.

Nas minhas aulas de Sociologia, sempre destaquei que a formação para a cidadania também era algo muito importante no currículo dos estudantes, por isso meu desejo de fazer a diferença na vida deles, de levar coisas novas, de propor temas motivadores e, de forma intransigente, destacar que a formação humanística é de extrema importância para a vida dos educandos. Outrossim, lecionar para estudantes jovens e adultos, alguns inclusive idosos, me impulsionou a propor novas atividades, novos recursos didáticos, novos desafios. Fazíamos debates a partir de temas que lhes interessavam, adultos que eram, gostavam de falar nas aulas sobre política, comportamento, e também sobre suas memórias e vivências pessoais. Por conta destes interesses, propus fazermos uma visita guiada ao Museu Casa do Pontal¹³.

O Museu Casa do Pontal foi criado em 1976 pelo colecionador francês Jacques Van de Beuque, acervo que foi iniciado com mais de dez mil obras de 300 artistas brasileiros. As peças foram reunidas a partir de pesquisas e de viagens que o colecionador fez pelo Brasil. Este é um museu muito valioso, um dos mais importantes de arte popular do Brasil, com material rico para estudos antropológicos. Neste sentido, perfeito para os debates sobre cultura/cultura popular propostos nas aulas de Sociologia.

Fiz a proposta de visita ao museu para a coordenadora da EJA (que prontamente aceitou), convidamos algumas professoras do curso, e começamos os contatos com a responsável pela marcação das visitas guiadas no museu - que são gratuitas para estudantes da rede pública. Tivemos problemas burocráticos para conseguir o aluguel dos ônibus junto à escola, mas a situação foi logo resolvida. Sublinho que, caso não fosse possível que a escola alugasse os ônibus, o museu oferecia um ônibus gratuito. Seria muito difícil levar os estudantes ao museu se tivessem que arcar com as despesas de transporte e ingresso. Então, no dia 01 de agosto de 2015, um sábado, tínhamos dois ônibus às 8 horas

da manhã na porta da escola, e um grupo de estudantes e professores ansiosos pela visita ao museu. Não posso deixar de mencionar que também lecionava em duas turmas de ensino médio-técnico em cursos frequentados por estudantes de 15/16 anos, então, os estudantes adultos se misturaram aos alunos e alunas adolescentes.



Figura 50: Estudantes e Professores na entrada da Casa do Pontal em 2015

Logo no início da visita mediada, as recordações da infância dos estudantes que visitaram o museu vieram à tona. As músicas do folclore brasileiro, as festas populares, o artesanato, os locais onde muitos identificaram como espaços que residiam nas memórias da infância. Havia representações, em barro, do maquinário e do trabalho em uma casa de farinha, e uma das estudantes da EJA esmiuçou, com riqueza de detalhes, o funcionamento da casa de farinha de sua infância, lembranças do interior do nordeste, sua região natal, sendo ouvida com atenção pelos estudantes adolescentes que também

¹³ Em 2015, ano da nossa visita, o museu ficava localizado no Recreio dos Bandeirantes, após inúmeras inundações, o museu buscou um novo espaço na Barra da Tijuca.

participavam da visita. Outros não deixaram de registrar um só momento com suas câmeras fotográficas. Os estudantes da EJA demonstravam emoção ao ouvir cantigas de roda entoadas por arte-educadores que os guiavam cantando pelo museu, convidavam os visitantes a tocarem instrumentos populares, e a atuarem como personagens de “peças” produzidas a partir de histórias do folclore brasileiro, os visitantes eram instigados a participar, e precisavam improvisar para fazer acontecer a encenação.

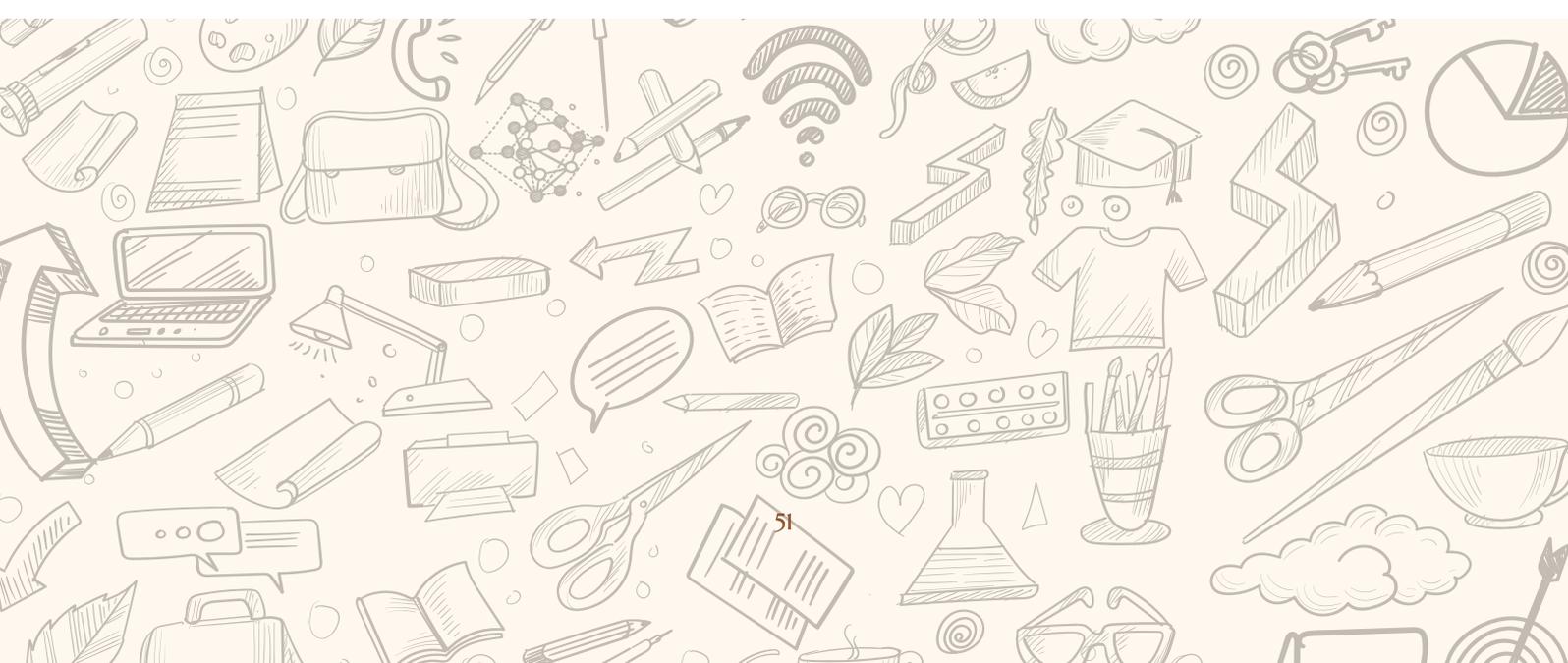
Posso dizer que os visitantes voltaram a ser crianças, e compartilharam as emoções e as alegrias de revisitarem suas memórias positivas da infância, período que podemos afirmar ser crucial na vida humana, fase que fundamenta e constrói experiências individuais e coletivas que vão nos marcar de maneira profunda, erigindo referências que carregamos para sempre na vida adulta.

Saliento que a profusão de relatos sobre a falta de conhecimento dos equipamentos culturais de nossa cidade, assim como a empolgação evidente dos estudantes da EJA ao se depararem com o acervo do museu, deixaram pistas de que a escola cumpre o papel de divulgadora da arte e da ciência, e propicia que os estudantes tenham acesso e conhecimento de espaços disponíveis para visita. Muitos estudantes relataram que nunca tinham ouvido falar no museu, ou diziam que nunca teriam condições de ir por conta própria ao Recreio de Bandeirantes, bairro muito distante de seus lugares de residência.

É importante destacar que a escola pode

e deve propiciar oportunidades para que os estudantes, de todas as modalidades de ensino, conheçam e se encantem com a pluralidade de exposições disponíveis nos museus espalhados pela cidade, que se maravilhem com filmes, que conheçam nossos acervos artísticos, históricos e patrimoniais. A escola é propulsora da curiosidade, do despertar para conhecer e buscar as opções de espaços que revelam a cultura e a arte brasileiras. Vale também ressaltar que esse olhar de curiosidade e deslumbramento precisa ser construído, lapidado, não brota espontaneamente, e pode ser desenvolvido a qualquer tempo. Muitas vezes, parcelas da população, principalmente as menos abastadas, não têm acesso ou sequer conhecimento desses locais, por isso, é fundamental a divulgação e o desenvolvimento de políticas públicas que possibilitem o acesso aos equipamentos culturais do nosso estado. E destaque, de forma mais específica, que é primordial que a EJA veja, sinta, se emocione, se encante, e se aproprie dos espaços e aparatos culturais disponíveis.

Em tempos pandêmicos o que mais ouvimos no IFRJ - uma destacada instituição de educação pública - é que faz muita falta para o desenvolvimento e expansão do conhecimento do corpo discente, e também para os docentes, a emoção do encontro presencial, os debates e conversas olho no olho. As visitas a exposições, agora de forma virtual, continuam acontecendo, mas ver “ao vivo e a cores” a beleza da arte e da cultura de nossa gente é insubstituível.



Referências bibliográficas:

- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação. Disponível em: http://www.ufcg.edu.br/prt_ufcg/ce2016/Lei%209394.pdf. Acesso em: 12/01/2022.
- _____. **Lei nº 11.892,** de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 1, 30/12/2008.
- BRASIL, Cristina Índio do. Museu Casa do Pontal terá nova sede, Rio, em outubro. Agência Brasil, 07/08/21. Disponível em <https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2021-08/museu-casa-do-pontal-sera-reaberto-no-rio-em-outubro>. Acesso em: 23/12/2021.
- CÊA, G. S. dos S. A reforma da Educação Profissional e o Ensino Médio integrado: perspectivas, tendências e riscos. In: **O estado da arte da formação do trabalhador no Brasil: pressupostos e ações governamentais a partir dos anos 90** / Edaguimar Orquiza Viriato et al. ; organização de Georgia Sobreira dos Santos Cêa. – Cascavel: Edunioeste, 2007.
- CORREIA DA SILVA, Katia. A nova expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica em tempos de capitalismo flexível. In: ARRUDA, R (org.). **Trabalho, subjetividade e formação humana em tempos de reestruturação do capitalismo.** Coleção Trabalho, Subjetividade e Políticas Públicas, v. 1. Rio de Janeiro: Uerj, LPP, 2017. 224 p.

Capítulo 7

Ano 10: 2016

Contando Histórias que merecem ser contadas

Telma Alves

***“Eu vou pedir pros anjos cantarem por mim
Pra quem tem fé, a vida nunca tem fim”***

A música Anjos do Rappa está gravada na memória de André Luiz, Cleiton Gonçalves, Joana D’Arc, Rafael Alves, Tadeu Pereira, Thiago Câmara, pois não foi só uma coreografia de fechamento da apresentação do Projeto Integrador (PI) da turma INF 311 do segundo semestre de 2015¹⁴, foi a conclusão que enunciaram após os meses de entrevistas entre si e as reflexões que puderam realizar durante o processo. E durante esse processo percebi o que estava acontecendo com eles e busquei em Larrosa (1996) o pensamento para a abertura da apresentação do projeto, em 03 de fevereiro de 2016, que diz “É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que damos a nós próprios uma identidade no tempo” (p. 69).

Este texto é escrito a partir do Relatório confeccionado, pela turma, como etapa final da disciplina de PI. Eu passei a ministrar essa disciplina em 2014 e, desde então, ela se tornou minha paixão. O exercício da escuta do que aqueles jovens e adultos di-

ziam, me encantava. O diálogo entre eles e a proximidade que ganhávamos ao longo do processo de construção do projeto era permeado de descobertas, risos e tensões. Sim, pois todo trabalho acadêmico gera tensões. Em especial, o projeto que passo a descrever, me apropriando de parte do Relatório, marcou meu trabalho docente pelo envolvimento que todos tivemos e pelas decisões que foram sendo tomadas quanto à forma de apresentação final.

O debate sobre o tema se iniciou com o surgimento do caso de um menino de 11 anos, baleado na comunidade do Caju. Houve um debate sobre o que as crianças do século XXI conhecem e sabem. O assunto evoluiu para como dar limites às crianças dentro de uma comunidade e, por fim, se direcionou para família, tema que estava em destaque, à época, por conta do estatuto da família, porém foi descartado por ser considerado muito polêmico. Era possível perceber que eles queriam falar de pessoas, de gente!!!! E veio a ideia de falar de “pessoas que passaram por grandes dificuldades e conseguiram através da força de vontade interior, vencer os obstáculos da vida” (RELATÓRIO, 2016).

¹⁴ O calendário letivo do IFRJ estava dissociado do calendário civil, por isso o PI de 2015 foi apresentado em 2016.

Os estudantes registraram que,

Houve uma empolgação de todos sobre esse assunto e logo formou-se um alvoroço na sala de aula. Cada aluno dando opiniões e contando histórias emocionantes de pessoas que apesar de todas as dificuldades na vida, venceram (RELATÓRIO, 2016).

Foi decidido que cada estudante contaria a história de alguém conhecido socialmente ou não. Durante semanas, todos pesquisavam e traziam suas ideias para o debate em sala de aula e o “trabalho foi se desenvolvendo de uma tal forma, que, sem perceber, todos, inclusive a professora Telma, estavam totalmente contagiados pelo tema” (RELATÓRIO, 2016). No dia 5 de novembro, estava marcada a prévia do que cada turma estava elaborando no sentido de que os professores do curso e colegas de outras turmas pudessem apreciar e apresentar sugestões. A turma recebeu muitos elogios, os professores gostaram muito e alguns professores deram opiniões sobre o trabalho.



Figura 52: estudantes aguardando os comentários



Figura 51: Estudantes fechando a coreografia

A professora de Língua Portuguesa, Erica Almeida, deu uma ideia muito bacana. Ela sugeriu que, cada estudante, contasse a sua própria história. Os estudantes avaliaram e então refletiram “seria interessante, que se ao invés de contarmos a história de outras pessoas, por que não contar a nossa própria história?” (RELATÓRIO, 2016).

A reta final foi elaborar qual seria a melhor forma de cada um contar a sua história. Esses jovens e adultos eram tão generosos uns com os outros que a escolha foi a de cada um entrevistar um colega, esse, por sua vez, entrevistaria o outro e assim por diante. As entrevistas foram gravadas e editadas pelo professor de Informática.

“Nas gravações, tudo era divertido. Quando erravam, os risos eclodiam. Uns gaguejavam de nervosismo, outros travavam e outros falavam além do tempo estipulado. O professor de Informática também se divertia!!!!” (RELATÓRIO, 2016).

Quando eu estou orientando um PI, meu envolvimento vai além da sala de aula. Dessa forma, num domingo pela manhã, ouvi, na TV, a música Anjos, do Rappa, e a letra dizia:

*Te mostro um trecho
Uma passagem de um livro antigo
Pra te provar e mostrar que a vida é linda
Dura, sofrida, carente em qualquer continente
Mas boa de se viver em qualquer lugar, é*

O que eles contavam nas entrevistas eram partes duras e sofridas de suas vidas. Situações que impediam a possibilidade de estudar, perdas de parentes que mudaram suas vidas drasticamente, casos de violência, necessidade da sobrevivência material. Como as entrevistas compuseram um curta metragem, eu pensei nessa música como trilha sonora de fundo. Na mesma hora compartilhei, por mensagem, com alguns estudantes para que pudéssemos debater em sala de aula e tomar a decisão.

Eles já tinham pensado em outras músicas, tal como Mais uma Vez, de Renato Russo que diz “mas é claro que o sol vai voltar amanhã mais uma vez, eu sei”. Mas a letra do Rappa falava que “pra quem tem fé, a vida nunca tem fim” e que se decidirmos ir atrás dos nossos objetivos, temos que ter coragem. Enfim... a música era perfeita para o nosso trabalho” (RELATÓRIO, 2016). Tínhamos duas músicas, o que fazer? Segundo eles, “parecia que estava faltando algo para

incrementar e completar o nosso trabalho”. Um dos estudantes era dançarino registrado, tinha um grupo de dança de rua, e deu a ideia de criarmos uma coreografia em cima da música do Rappa para fecharmos a apresentação do projeto em alto astral e dizendo que a vida

*Nunca tem fim
(A fé na vitória tem que ser inabalável)
Nunca tem fim
(A fé na vitória tem que ser inabalável)
A fé na vitória tem que ser inabalável
Nunca tem fim
(A fé na vitória tem que ser inabalável)*

Então, a música do Renato Russo ficou como trilha sonora de fundo do curta metragem. O *gran finale* mostrava a potência desses jovens e adultos, seus saberes e formas de viver. Eu quis dançar com eles porque, de alguma forma, me identifiquei com aquelas histórias. Assim como eu, dois servidores da escola participaram na produção. Orientando sobre a luz do palco, sobre o som e sobre a nossa posição no palco.

Ao final, todos se sentaram no palco, à espera da avaliação do corpo docente presente. Eu os olhava com respeito e admiração. Alguns choraram, outros eram só sorrisos. E todos nós que realizamos aquele PI sabíamos que “pra quem tem fé, a vida nunca tem fim” e “a fé na vitória tem que ser inabalável”. Histórias como essas merecem ser contadas!!!!

Referências bibliográficas:

- LARROSA, J. **Narrativa, identidad y desidentificación**. In: LARROSA, J. La experiencia de la lectura. Barcelona: Laertes, 1996.
- RELATÓRIO Interno. **Relatório do Projeto Integrador do segundo semestre de 2015**. IFRJ, Campus Rio de Janeiro, 2016.

Apontamentos de uma noite de autógrafos

Aramís David Correia

Nestas fotos, temos o registro de alguns dos momentos da exposição do projeto da turma INF 311 de 2016-1, que se mostrou fiel à proposição de ser integrador à medida que construiu um frutífero diálogo interdisciplinar.

Ao contemplar as imagens, um observador desavisado poderia pensar que se trata tão somente de uma apresentação oral ao modo de seminário, como qualquer outra, tão comum ao ambiente escolar. Tal impressão não estaria de todo errada. Mas há aí algo a mais que isso. Há uma dimensão inaudita que talvez a imagem não seja capaz de explicitar: O dado de representação que emprestou certas peculiaridades ao trabalho. Discorrerei sobre isso.

É que este grupo adotou como tema e forma de seu projeto o lançamento de um livro escrito pelos próprios estudantes. Tema, porque durante aquele semestre, o grupo se propôs a escrever conjuntamente um livro que expressasse suas vivências no curso,



Figura 53: Estudantes iniciando apresentação

destacando as implicações pessoais que este momento formativo trouxe. E forma, porque, além da escrita, a apresentação do projeto foi organizada de modo semelhante aos eventos de estreia das publicações profissionais. Aquilo que nos meios literários chamam de vernissage de lançamento do livro.

Em minha atuação enquanto professor de Artes Cênicas das turmas de MSI PROEJA, busco construir com os estudantes algumas circunstâncias que ofereçam sensações e imagens concretas para quem nunca encarou as possibilidades do palco. Afinal, a simples menção da palavra “teatro” aciona um encadeamento de imagens mentais e conceitos, que nem sempre se aproximam da realidade do fenômeno teatral. Portanto, como se trata do trabalho de um único semestre, o desafio é simplesmente criar pontos de acesso a este universo, desmistificando-o e aproximando-o da esfera de experiência dos participantes.



Figura 54: Estudante como mestre de cerimônias

Em diálogo com a Professora Telma Alves - orientadora geral deste projeto integrador -, chegamos à proposição da “noite de autógrafos”, que abriria um amplo campo de trocas entre os integrantes da turma, ao mesmo tempo que abria espaço para ação de professores, projeto e alunos. Assim, além da minha

participação fazendo uma direção artística, contou com a animada colaboração da Professora de Português da turma, Margareth Moraes; e com o professor de informática Fabrício Silva, que orientou o grupo no uso de programas de diagramação textual.

A partir daí, foi possível realizar uma série de exercícios de natureza distinta e complementar que incluía: produção de fotos, confecção de um banner, escolha de figurinos, organização do cenário, produção de roteiro, exposição oral, demarcação de movimentações, além, é claro, da concretude do livro enquanto objeto diagramado e impresso. Somente para destacar algumas das frentes mais marcantes.

Sob o ponto de vista representacional, a ocasião do lançamento do livro se constituiu com um potente elemento ficcional, que, de certo modo, inflava a importância dos participantes como escritores. Era como se tratassem de célebres autores de *best sellers* e aquela noite de autógrafos fosse o evento mais aguardado dos últimos tempos. O que, de fato, foi uma noite marcante para todos os envolvidos no projeto, sobretudo os estudantes.

Uma vez que a ideia central ficou estabelecida, abriu-se espaço para construção de diversas situações como: chegada das “celebridades literárias”, entrevistas com os escritores, depoimentos e, até para a demonstração dos “talentos ocultos” de um dos participantes, que apesar de pouco afeito a

falar em público, tinha como *hobby*, a dança de rua, na linha do “passinho”. Tudo isto configurou um roteiro diversificado de acontecimentos, entremeado por músicas, projeção de imagens e movimentações ensaiadas. Portanto, tiveram um grande leque de vivências artísticas lhes dando uma mostra do que poderia vir a ser o fazer teatral.



Figura 56: Apresentação individual

É de se destacar o quanto esta camada de faz-de-conta tornou-se estimulante para o grupo. Os estudantes atuavam representando a si próprios dentro da circunstância de lançamento do livro. Isto é, usavam seus próprios nomes e falavam sobre suas próprias experiências no curso. O que produziu uma série de deslizamentos entre realidade e ficção. Pois, efetivamente, estava sendo criada uma situação de exposição que é própria dos acontecimentos no palco. Como agravante, havia ainda o fato da experiência estar indo a público pela primeira vez e em uma única apresentação. Ou seja: uma verdadeira noite de estreia! Portanto, sob o ponto de vista conceitual, a apresentação pode ser compreendida dentro de uma lógica metalinguística, em que, em ampla medida, o processo se autorrepresenta.

A produção dos relatos que compuseram o livro também recebeu o impulso da ocasião de seu lançamento. Pois, de que valeria uma noite de autógrafos se não houves-



Figura 55: Apresentação individual

Festa de 10 Anos Do PROEJA: memórias do PROEJA

Rita de Cássia Costa

O começo: a primeira matriz curricular

Munidos das diretrizes institucionais e das bases legais oriundas do MEC, assim como, de muita esperança e satisfação, no ano de 2006, encaramos o desafio de elaborar uma proposta curricular de um curso técnico em uma área profissional diferente das tradicionalmente oferecidas na escola, integrado ao ensino médio, na modalidade EJA. Nosso grupo de trabalho era composto por professores voluntários, envolvendo diferentes áreas de conhecimento, uma coordenadora pedagógica e o coordenador do curso. Como Diretora de Ensino, à época, abracei o projeto de conduzir o grupo, movida por um declarado desejo de repensar a função social da escola.



Figura 57: Professores de Informática com estudantes egressas do curso (1)

Por ter sido um movimento de adesão (quanto à participação na escola), as pessoas que se dispuseram a participar tinham um olhar diferenciado para o trabalho que seria realizado. De início, tínhamos muita esperança de que o Documento base fosse nos ajudar, mas pouco contribuiu. A dinâmica do trabalho nos levou ao desenvolvimento de conceitos e metodologias próprias e específicas do grupo de professores, do público alvo e da história da escola.



Figura 58: Professores de Informática com estudantes egressas do curso (2)

Realizamos uma imersão em Miguel Pereira, envolvendo grupos multidisciplinares da formação geral e da formação técnica, na área da Informática e representantes técnico-pedagógicos. Um trabalho conjunto, envolvendo as Unidades Maracanã e Nilópolis (ainda não éramos Instituto). Com a contribuição de todos, a partir de algumas diretrizes elaboradas e apresentadas pela direção de ensino, nos baseamos na legislação da EJA e nas diretrizes curriculares nacionais a ela relacionadas e optamos por construir uma proposta, tendo por referência a Pedagogia de Projetos, juntamente com a abordagem CTS - currículo com ênfase em Ciên-

cia, Tecnologia e Sociedade. Uma abordagem que buscava integrar os conteúdos científico-tecnológicos no seu contexto social.

Buscamos, assim, a integração dos componentes curriculares, a partir de projetos definidos coletivamente com os alunos e chamamos esses projetos de “projetos integradores”. A ordenação dos conteúdos que seriam trabalhados nas diferentes disciplinas deveria se orientar pelas demandas do projeto definido para cada período letivo, e não por uma suposta ordem pré-estabelecida tradicionalmente. Na associação entre a ciência e a tecnologia, com foco nos interesses dos alunos e no educar para a vida, procuramos estabelecer um diálogo entre formação para a vida e a dimensão produtiva. Assim construímos a primeira proposta curricular do Curso Técnico de Instalação e Manutenção de Computadores, aprovada em 2006 pelo, então, Conselho Superior da Instituição.



Figura 59: Servidores e estudantes egressas

O curso possuía cinco períodos letivos. No primeiro período, a contextualização aparecia relacionada ao cotidiano, associando-o à ciência e à tecnologia e enfatizando-se, nesse cotidiano, “o aluno inserido em sua casa”. Essa ideia se ampliou nos períodos (segundo e terceiro) e as relações entre saberes escolares e questões concretas da vida dos alunos passaram a envolver, agora, o universo de sua comunidade e da sociedade como um todo. Nesses dois períodos, passou a existir uma preocupação em se trabalhar o currículo, a partir de uma abordagem crítica, ao se eleger temas como “in-

clusão social”, “ética e cidadania”. Por sua vez, nos dois últimos períodos dessa matriz curricular, o foco nos interesses dos alunos e no educar para a vida deslocou-se para o contexto do trabalho, onde ciência e tecnologia passaram a se associar ao mundo do trabalho, ou melhor, dentro da perspectiva de uma profissionalização.



Figura 60: Servidores do IFRJ na Festa de 10 anos

A partir daí, o PROEJA vem se consolidando e aprimorando no IFRJ, com revisão e atualização de sua matriz curricular. Hoje, o Curso Técnico de Manutenção e Suporte em Informática ganha novos conceitos, mas sem perder a perspectiva original e o compromisso com uma formação cidadã.



Foto 61: Estudante e professoras do curso



Figura 62: Servidor do *Campus* Rio de Janeiro, aluno da primeira turma do curso, com estudante egressa



Figura 63: Atividade externa do *Campus* Rio de Janeiro na Praça Afonso Pena

COM A PALAVRA OS/AS

ESTUDANTES

Sou Andrea Paula Bernardo de Paula, tenho 50 anos, moro atualmente em Benfica, no Rio de Janeiro, e sou nascida em Nova Iguaçu. Quando cheguei ao curso do MSI do IFRJ já estava aposentada por invalidez, mas sempre trabalhei com cozinha, coisa totalmente diferente do curso que escolhi para fazer, na verdade um grande desafio para mim.

A princípio, tinha o objetivo de terminar o ensino médio, mas, quando tive o primeiro contato com a informática, um mundo que não conhecia, logo me encantou e amedrontou ao mesmo tempo. Lembro que o meu primeiro contato com a informática foi um sentimento único. Conhecer essa área foi fantástico, pois, a partir daí, tudo ficou mais fácil.

O momento que mais me marcou foi em uma aula do professor Fabrício Nogueira em que, pela primeira vez, liguei um computador, o que para muitos foi motivo de deboche e zoação, mas para mim um momento único. A partir daí, a cada contato mais conhecimento. Não tenho como expressar qual o maior aprendizado, pois não sabia absolutamente nada. Tanto a formação do curso quanto todo o seu conteúdo foram muito importantes na minha vida, profissional e pessoal. Tudo foi imprescindível pelos acessos que promoveram na minha vida.

*Texto enviado no dia
21 de novembro de 2021*

Destino

Ana Paula Polônio

Um sonhador
Na alegria do ser
Retocando o sonho
Impossível existir sem sonhar

O amanhã é criado no ontem ... Através do hoje
Em um século sagrado
De um novo Milênio
Na décima terceira primavera

Na esperança revolucionária
Despir ignorância ... Vestir sabedoria
A liberdade em comunhão
Sem exclusão ... Sem opressão

Te encontrar
Coloriu meus olhos
Que o conhecer seja um ato de amor
Quem sou?
Meus irmãos ... Laços bordados no coração

Na dor te abandonei
Ilusões, glórias
Almejo voltar ... O vencedor
És imortal

Viajar nas suas páginas antigas
Ninguém caminha sem caminhar
Na magia do aprender ... Ouvir, entender, respeitar

Sabendo o que somos ... Saberemos o que seremos
Ação – Reflexão ... Medida do saber
Educar é sentir ... É amor.
E amar, é um ato de coragem

*Texto enviado no dia
14 de dezembro de 2021*

Olá, prezades! Sou Carlos Pereira, 28 anos, carioca e conheci o curso MSI/PROEJA do IFRJ *Campus* Rio de Janeiro em uma busca na internet, já conhecia a instituição desde o fim de minha formação do Ensino Fundamental (2007/2008), a época chamada CEFETEQ. Optei pelo PROEJA na busca de conciliar conclusão do Ensino Médio e retomada da vida profissional, estava desempregado após me recuperar de problemas de saúde, que atrasaram ainda mais minha formação. Apurei sobre todo o processo e convidei minha prima Raiane a também inscrever-se, ambos fomos contemplados com vaga, lembro que fui o último ou quase o último a ser sorteado, rsrs. Fui aluno de 2012 a 2014.1, quando prestei o Enem e passei para Comunicação Social/UFRJ.

O título do projeto retrata muito bem o que é ser parte do curso, mais que mera formação médio-técnica, ganha-se VIVÊNCIA... que perpassa os conhecimentos das aulas, palestras e atividades complementares; as interações alune-professor e alune-alune; a inserção no mercado de trabalho; as reflexões sociopolíticas e muito mais. Lembro-me com carinho de todas as amizades que fiz, e, em especial, dos projetos integradores ao fim de cada semestre, haha... com toda correria e ânimo que geravam. Por fim, agradeço imensamente aos professores dos quais fui aluno, pelos ensinamentos, conselhos, expectativas, incentivos e, principalmente, pela humanidade com a qual lidam com as diferentes realidades de cada aluno e por sua resiliência em manterem esse projeto vivo.

*Texto enviado no dia
30 de setembro de 2021*



Meu nome é Elis, nasci em Barra Mansa (RJ). Na adolescência, vim passar as férias na casa da minha tia no Rio de Janeiro e resolvi ficar para estudar e trabalhar. Conheci o curso MSI quando estava desempregada e vi nele uma oportunidade de voltar ao mercado de trabalho e ampliar meus conhecimentos na área de TI.

Iniciei o curso em 2010 depois de assistir a palestra inicial, muito receptiva e motivadora, percebi que este não era somente de formação técnica, mas também humana, pois havia uma preocupação, por parte dos idealizadores, com a saúde e as condições socioeconômicas dos alunos.

Um dos pontos mais fortes e marcantes do curso era o Projeto Integrador, porque tínhamos que trabalhar em equipe, conseguir unir todas as matérias e apresentá-lo no final de cada semestre. Foi um pouco complicado e polêmico no início, mas era a matéria que tínhamos mais autonomia e, no final, com a ajuda dos professores, tudo dava certo... Foi um período um pouco difícil, mas de muitas alegrias também. Aprendi bastante com os professores, técnicos, todos muito bem formados e preparados. Esse curso me deu base para lidar e consertar produtos eletrônicos que estão sendo exigidos, cada vez mais, pela sociedade. Sou muito grata pelo apoio que tive de todos, pelas amizades e a Deus pela oportunidade!

*Texto enviado no dia
02 de novembro de 2021*



Eu sou Raiane Paiva, tenho 30 anos, carioca e conheci o MSI/PROEJA através do meu primo Carlos Pereira.

Nos inscrevemos e ambos fomos contemplados para estudarmos nessa instituição extraordinária.

Acredito que foi uma das melhores oportunidades que tive em minha vida, pois abriu horizontes para toda minha existência.

O IFRJ me inseriu no mundo da tecnologia, onde atuo hoje como analista de suporte em uma instituição de ensino há mais de 6 anos.

Tenho formação de analista de redes e neste momento estudo História pela PUC-RIO. Gosto de um sociólogo francês chamado Pierre Bourdieu, ele foi um dos maiores pensadores das ciências humanas do século XX. Sua obra é extensa e abrangente, com contribuição para diversas áreas do conhecimento, especialmente na educação e cultura. O sociólogo percebeu que o ensino não era transmitido da mesma forma para todos os alunos como a escola faz parecer. Segundo ele, alunos pertencentes de classes sociais mais favorecidas, trazem de berço uma herança cultural que ele chamou de capital cultural. A escola, dissimuladamente, contribui para que essa cultura dominante continue sendo transmitida como tal e, dessa forma, acaba favorecendo alguns alunos

em detrimento de outros. Os desfavorecidos são os alunos que não tiveram contato, através da família, de capital cultural, ou seja de livros, coisas concretas, através do acesso a lugares e a informações facilmente acessíveis para alunos de famílias "cultas".

Esses alunos não conseguem acompanhar, pois a escola não cobra apenas aquilo que foi ensinado, mas outras habilidades que são fáceis para uns e mais difíceis para outros. Dessa forma, meu planejamento é de me tornar uma pesquisadora em busca de novas tecnologias no âmbito educacional para que a educação chegue ao pobre e favelado, pois só tem acesso a uma educação de maior qualidade aquele que possui condições de arcar com um ensino privado, ou seja, as pessoas mais ricas do país, o que demonstra que a desigualdade social impacta o acesso à educação.

E tudo isso devo a esse projeto admirável. Espero que todos estejam bem nesses tempos tão difíceis e creio que nos veremos em breve. Anseio por ter cooperado de alguma forma com esse projeto.

Um beijo muito carinhoso a todos.

*Texto enviado no dia
08 de novembro de 2021*

Qual foi a bagagem que eu trouxe para estudar no IFRJ?

Evandra Rita da Silva

Eu, Evandra Rita da Silva, natural de Recife (Pernambuco), venho de uma família de 09 irmãos, e a minha vida escolar foi muito rápida. Comecei a estudar aos 08 anos de idade e parei aos 12 anos. Meus pais são de uma pequena cidade e a única escola pública do local só havia turmas que iam até a 4ª série.

Sendo de família simples composta por 09 irmãos, meus pais resolveram que 05 crianças estudariam pela manhã e os demais no turno da tarde. Nunca entendi essa divisão, mas anos depois eles me disseram que era para que todos os filhos pudessem estudar até a 4ª série, perguntei o porquê. Foi quando meu pai respondeu:

"Caso eu não consiga comprar o caderno e lápis para todas as crianças do período da tarde, vão levar os cadernos dos irmãos do período da manhã. Juro que eu nunca esqueci estas palavras, pois foram muito marcantes na minha vida."

Eu queria muito continuar estudando, porém a escola mais próxima ficava aproximadamente a 3 horas de onde eu morava e meus pais não tinham como arcar com o transporte, pois, era muito difícil para um homem do campo manter os filhos em uma escola fora do seu bairro, ele nunca iria conseguir manter todos os filhos estudando na cidade grande.

Quando completei 18 anos, resolvi viajar para a cidade grande para dar continuidade aos estudos, mas foi muito difícil, pois como conseguir emprego com apenas a 4ª série? Chegando ao Rio de Janeiro com a ajuda de um amigo, o único emprego que consegui foi como doméstica e por não ter experiência não gostei. Contudo consegui trabalhar durante algum tempo. Esta casa era de um senhor Alemão, ele logo me colocou na es-

cola, eu nunca esqueci esse dia. Era a Escola particular Nossa Senhora de Lurdes no Bairro de Botafogo na (zona sul) e logo tive que abandonar os estudos, para dar prioridade ao trabalho. Meu patrão era uma pessoa incrível, ele sempre me levava a lugares como: Cinema, Teatro, clubes e outros. Ele me fez prometer que. Ainda que passasse muito tempo, eu tinha que insistir nos meus estudos.

Quando fiz 42 anos, depois de ficar mais de 20 anos sem estudar, resolvi então acordar de um sonho que estava apenas adormecido e não morto. Foi quando passei em frente à escola que meu filho estuda e lembrei-me da promessa que fiz ao senhor Alemão.

Caminhei rumo à secretária da escola e fiquei parada olhando para uma senhora muito bonita, e disse! "Sou Mãe do Luiz Felipe Santana". Sabendo que havia supletivo à noite, expliquei que já havia tentado diversas vezes e pelo fato de trabalhar e ter filhos pequenos toda vez que eu entrava na escola não conseguia dar continuidade. Eu precisava de uma motivação e naquela escola eu via a chance de recomeçar mais uma vez. Peguei o número da escola e agendei uma ida no dia seguinte. Sai da escola sorrindo, fui pela rua radiante, agradei a deus por me conceder mais uma oportunidade de estudar.

Quando cheguei à vila onde moro, contei a novidade e a primeira coisa que eu escutei foi: - agora depois de burra velha você vai estudar, é uma perda de tempo fazer isso, ver se vai trabalhar, e vai cuidar dos seus filhos, é a melhor coisa que você faz. Parece que alguém me jogou um balde de água fria, esperava outra reação, tipo: Nossa que legal, parabéns, você fez a coisa certa.

Nesta escola, concluí o ensino fundamental, e fiz tudo presencial e estou muito satisfeita com a minha nova vida de estudante, e o tempo irá dizer se estudar será mesmo uma bobagem ou se devemos sempre insistir no que queremos. Hoje tenho uma motivação maior, a prova é esse artigo.

Sei que não é fácil tomar essa iniciativa, pois estudar após os 40 anos, não é uma tare-

fa simples, e tenho ciência disso; os professores da EJA tem uma paciência para com os alunos que eu nunca vir em outra escola, eles estão sempre nos motivando para que as nossas aulas sejam proveitosas.

Com as minhas ocupações diárias, tive um pouco de medo e cheguei a me sentir insegura quando resolvi encarar este desafio, tive algumas dificuldades com algumas matérias, achei que não conseguiria me adequar aos conteúdos propostos pelos professores. Pensar em acordar todos os dias às quatro horas da manhã me fez imaginar se teria coragem de enfrentar trânsito caótico, ônibus lotados, depois de uma jornada de trabalho. Minha história serve de exemplo para mostrar que nada é impossível, basta acreditar que somos capazes de atingir nossas metas mesmo que o caminho tenha alguns obstáculos o importante é superar provando que somos capazes.

Mudei de escola municipal para federal, e logo vieram as dificuldades de transferir conhecimento escolar. Fiquei parada no tempo por semanas e busquei informações com alunos e professores sobre como eu poderia fazer para me adequar à nova escola, e foi quando surgiu a ideia de escrever minha história junto aos meus colegas da sala.

Assim começou uma mobilização de como buscar informações para que pudéssemos desenvolver nosso tema. Com a ajuda da orientadora do projeto integrador, Telma Alves, surgiu então a ideia de entrevistar professores, de outras turmas, para saber se eles já se depararam com alguns episódios desses. Foi uma experiência maravilhosa o rumo que tomou as conversas com alguns professores, pude então entender que precisaria de muita leitura para desenvolver melhor a minha ideia de escrever um livro. Com o tempo super apertado, tamanha era a nossa responsabilidade, confesso que deu um frio na barriga, mas encarei este desafio.

Escrever este artigo é muito importante para mim, vejo nele uma aprendizagem enorme, sei que vou ter que estudar muito, mas vale cada esforço para conseguir uma

história legal e fico muito ansiosa para acabar rápido, para ver se ficou do jeito que planejei e como o produto final. Quero que as pessoas que lerem esta história gostem do que está escrito e possam entender a importância desse trabalho na vida pessoal e acadêmica. Estou quase no final deste primeiro período, e quero deixar algo que possa marcar a minha presença nesta escola e que este momento sirva para marcar o resto da minha vida e, além disso, desejo que os meus amigos possam ler a minha história e se divirtam com ela.

Estudar depois de muito tempo tem suas vantagens, você vive várias experiências diferentes, os alunos têm idades diferentes um dos outros, existem alunos com idade dos meus filhos, e também da minha idade, e até mais velhos, é muito gratificante compartilhar essa história. Lembro que, quando eu tinha dúvida e perguntava para algum aluno mais novo, ele respondia: - tia este exercício é assim. Eu ficava muito feliz em poder contar com alguém tão jovem na minha sala, lembro também que as histórias dos alunos EJA são muito parecidas, todo mundo tem algo em comum. Lembro quando perguntei à professora Ermezinda qual a diferença em ensinar alunos da EJA, ela respondeu que é muito bom, pois aprendo bastante com cada aluno e que a educação de jovens e adultos é mais tranquila. Fui aluna EJA, por dois anos, e nunca um ano letivo passou tão rápido, quando vi já estava terminando o ensino fundamental.

Começou então uma nova caminhada para a conclusão do ensino médio, e bem mais puxada, com novos desafios pela frente, mas tenho uma força de vontade que é o tamanho dos meus objetivos para escrever mais um capítulo da minha vida. Peço a Deus todos os dias para que me dê forças para que eu possa conquistar este espaço na minha educação. Tenho me esforçado bastante para conseguir estudar, e sei que vou ter que matar um leão por dia. Sei também que a persistência não é nada sem a consistência.

Na maioria das vezes encontro pelo caminho pessoas que acham que estudar na EJA e no PROEJA não tem muito significado, mas penso o contrário dependendo de como os conceitos são aplicados vale muito. É maravilhoso quando os meus filhos conversam comigo sobre os meus estudos, e é graças a eles, que estou de volta à sala de aula, não só para melhorar a minha escrita, mas também para ajudar os meus filhos com a lição de casa, isto também tem um peso muito significativo para minha vida acadêmica, e conquistar um diploma superior. E é muito gratificante saber que outras pessoas vão ter acesso a meu artigo, e saber o que se passa no meu dia-a-dia que tenho dificuldades nas matérias, e que também os professores sentem essas dificuldades.

Escrever este artigo, para falar todos esses obstáculos encontrados no começo do meu curso, e está sendo maravilhoso partilhar com os amigos que estão sempre dispostos a ajudar. A minha turma tem apenas cinco alunos, entretanto a nossa união é maior que o infinito quando se trata de mobilização para o nosso grupo. Confesse que, no começo do ano letivo. Fiquei um pouco preocupada com a nossa turma, pensei que todos iriam desistir, mas dos sete alunos apenas dois saíram, por não conseguirem conciliar o estudo com o trabalho. Quando resolvemos entrevistar os professores para buscar conhecimentos para desenvolver melhor a nossa escrita, foi incrível o que conseguimos com cada professor, e o que nos contaram em relação à EJA, as experiências vividas por cada um deles, como é lecionar para jovens e adultos.

Entre as entrevistas, a que mais gostei foi da diretora geral, a professora Florinda. A maneira como ela nos recebeu para entrevistá-la foi muito agradável, além de nos deixar muito a vontade, falou também das suas experiências como professora da EJA, e que existem sim, dificuldades em turmas com idades diferentes, que há alunos que aprendem mais rápido que outros, que aprender é um grande desafio, principalmente, pois a maioria dos

alunos tem jornada dupla ou tripla etc.

Durante os dois anos que estudei na escola Calouste Gulbenkian, era muito difícil me concentrar nas aulas, com turmas enormes, e na maioria das vezes, eu voltava sem entender a matéria. Uma vez quando em uma aula de matemática, fui questionar com o professor, cujo nome não pode falar, pois não tenho autorização: respondeu-me que não me preocupasse seria aprovada, fiquei imaginando se isso era correto, mas pensei que deve ser alguma característica da modalidade de ensino EJA.

Porém, quando comecei a estudar no IFRJ, senti na pele, e pensei: será que estou na escola certa? Pois foi muito diferente, e não tinha nada a ver com o que tinha estudado antes. São tantas tarefas, que você não tem tempo pra nada, logo eu que tinha apenas uma folha de exercício por aula na escola anterior, quase enfartei, mas tenho que encarar essa nova fase da minha história, e agora não tem essa de passar sem estudar. Se fizer isso, com certeza, vou repetir o ano. Os Professores do IFRJ pensam mesmo no nosso futuro. Se não for desse modo, com muito estudo e educação, como conquistarei uma posição melhor no mercado de trabalho?

Hoje, agradeço a cada um dos professores que colaboraram para que este artigo fosse escrito e espero que este seja apenas um de outros que ainda escreverei, agradeço também a professora Telma Alves orientadora do projeto e aos meus colegas de sala. "A verdadeira força da resolução de problemas requer um amplo repertório de conhecimento, não se restringindo às particularidades técnicas, mas estende-se às relações entre eles e aos princípios fundamentais que se unifica. O problema não pode ser tratado como um caso isolado. A matemática precisa ser ensinada como matemática e não como acessório subordinado a seus campos de aplicação" (Onichic).

*Texto construído para o PI
do 1º semestre de 2016*

Desistir? Nunca!

Nádia da Silva Feitosa

Minha trajetória de vida escolar no ensino fundamental foi bem tranquila. Não pensava muito e não gostava de perder tempo estudando. Talvez, o grande erro da minha vida foi esse o de achar que eu não precisava estudar, por tirar notas consideradas ótimas, eu nem estudava, somente para prova no dia anterior, e conseguia assimilar bem o conteúdo que os professores passavam. Antes de continuar, vou me apresentar. Meu nome é Nádia da Silva Feitosa, moro na cidade de Nova Iguaçu, no bairro de Cabuçu, tenho 34 anos de idade, casada há dezesseis anos, (três namorando, onze morando juntos e dois casados no papel). Meu marido se chama Luiz Mauro. Sou mãe de um filho de doze anos, ele se chama Luiz Felipe, dediquei a minha vida para ele, dona do lar, nunca havia trabalhado fora, não conseguia deixá-lo com nenhuma pessoa e, desde então, me voltei a casa e à família. Para mim, era “normal” só o homem trabalhar e fazer a minha parte como mulher, cuidar da casa, ter que cuidar do filho e dar a educação adequada (não é que tenha nada de errado), mas, como foi ficando difícil, eu busquei ajudar como pude.

Comecei trabalhando na van com o meu pai, eu era a cobradora, e o horário era bastante favorável, saía às 05h40min, e retornava antes ou às vezes um pouco depois de 12h00min, bem a tempo de o transporte escolar passar e deixar meu filho em casa. Almoçávamos sempre juntos e continuava sendo aquela dona de casa e mãe de sempre.

Com o passar de três anos, comecei a trabalhar por conta própria, vendendo picolé na rua carregando uma caixa de isopor. Eu gostava do trabalho, pois eu conhecia pessoas novas todos os dias e era bastante

divertido, fora que o lucro era bem satisfatório, fiquei trabalhando durante seis meses, foi aí que recebi uma proposta de trabalho com carteira assinada, resolvi, então, fazer a entrevista. Desde então eu estou trabalhando até hoje, isso já vai completar, nesse mês de junho, um ano.

Antes, vendendo picolé, eu trabalhava de três a quatro dias na semana, agora, trabalhando fora, eu cumpro a carga horária, das 9h00min às 17h00min, chegando a casa por volta das 20h30min. Por conta da distância, minha vida, tomara um novo rumo. Graças à dedicação que eu dei a meu filho, não está sendo tão difícil ficar longe dele e ele tem se mostrado um menino bastante responsável. Lógico que obtive alguma ajuda, pois não se deixa uma criança sozinha, porém ele acabou ficando só muitas vezes para que eu pudesse trabalhar, mas, como nessa idade já está um rapaz, tudo deu certo. Ele e o pai sempre apoiaram a minha decisão de trabalhar fora, talvez não no começo, todavia depois viram que era o melhor a se fazer.

Esse livro está sendo editado por conta dos obstáculos que obtive ao retornar a uma sala de aula. Principalmente, na disciplina de matemática, na qual eu sempre encontrei dificuldade, até pensei em desistir. Ainda mais depois de estudar e trabalhar fora, não é nada fácil, quem me auxilia bastante é o “maridão”, que acaba tendo que aguentar o estresse, cansaço, e a responsabilidade de ter que preparar o jantar, já que ele chega mais cedo, principalmente para que eu possa levar a marmita no dia seguinte.

Olhando a minha volta na sala de aula, verifiquei que meus colegas de classe também estavam em dificuldades, talvez diferentes. Por isso, resolvemos, então, pesquisar sobre o assunto, conseguimos informações valiosas, sobre educação de jovens e adultos, assunto que estamos abordando.

Desde então, comecei a pensar que se não é só comigo que acontece isso, então, tem como obter ajuda? Para uma dona de

casa, que vivia em prol da vida familiar, que se contentou em terminar somente o ensino médio, agora trabalhando, para mim, já é um grande progresso. Eu não pretendo parar por aqui, ainda mais agora que conheci pessoas maravilhosas, que estão me auxiliando muito.

Voltando a minha etapa no ensino fundamental, eu lembro que conseguia absorver de modo rápido as matérias que me eram passadas e sempre tive professores que me ajudavam bastante. Porém, eu não queria estudar, gostava de ficar em frente à televisão o dia todo e nem se quer um minuto eu pegava em livros, ou cadernos, somente quando necessário. Em relação à leitura, comecei a visitar a biblioteca da escola (por conta de trabalho que professor havia pedido), comecei a me interessar por leitura, lembro-me de uma série chamada Vaga-lume, em que vários autores escreveram, (Escaravelho do diabo, Morro dos dois meninos, A ilha perdida, Do outro lado da ilha...), são mais de cem livros. Quanto ao jornal, não lia de jeito nenhum. Gostaria muito que fosse diferente, mas nunca é tarde para fazer um novo começo.

Meu comportamento na sala de aula era exemplar, só gostava de conversar um pouquinho, mas eu sempre prestava bastante atenção no conteúdo da matéria, quando os professores estavam explicando. Meu caderno estava sempre em dia e alguns professores, principalmente de português, costumavam revisar o caderno, cada um acrescentava ponto ou retirava. Lembro-me de um professor de português que era bem exigente, régua e tudo para correção do caderno, nunca tive problemas quanto a isso. Nunca fui de fazer bagunça, porém teve uma vez, não sei o que me deu, resolvi escrever algo no banheiro feminino, e perguntaram se fui eu e eu nunca soube mentir e, como nunca havia aprontado antes, a diretora da escola, resolveu me perdoar, e não me punir à altura, e nem contou a meus pais (era para ser suspensa e eu iria tomar uma

surra bonita).

O colégio em que eu estudava chamava-se (pois se encontra fechado, hoje em dia), Educandário Mavidaf de Cabuçu, estudei desde a 2ª série, até terminar a 8ª série, repeti a 7ª série. Nessa altura, comecei a perceber que não era tão simples assim, as matérias foram se complicando e eu precisei ter aulas particulares de Matemática e Física. Meu orientador, na época, fazia de tudo para que eu pudesse compreender os conteúdos passados. Por mais que eu me esforçasse, parecia que eu aprendia somente para fazer a prova, ou seja, eu decorava os conteúdos passados, a famosa “decoreba”. Para mim já era suficiente, me ajudou bastante na época, mas agora sei que não foi a solução mais viável. Já deu para perceber que tenho problemas de memória, isso no momento me atrapalha bastante, pois os professores falam algo e eu não consigo lembrar muito bem, isso não é um problema atual, eu já notava essa certa “deficiência”, se assim posso chamar esse caso. No passado, me atingiu bastante, quanto mais agora, trabalhadora, mãe, esposa e entre outras tantas atividades que constituem a vida de uma mulher.

Assim que me matriculei no PROEJA do IFRJ, (já completei o ensino médio), comecei a pensar na minha carreira profissional. Sinceramente, não gosto nem um pouco de estudar, quem gosta de ficar enfiado em livros? Minha colega de trabalho, a Joana, que me trouxe para essa escola, onde eu fiz a inscrição, onde passei na prova, e aqui estou, amando estudar, ter conhecimentos valiosos, conhecer pessoas que estão dispostas a ajudar. Espero superar minha dificuldade, por isso esse desafio inicial foi de tamanha importância.

Atualmente pesquisando um pouco sobre nossas dificuldades, nos deparamos com obstáculos também por parte de alguns professores, na hora de repassar o conteúdo, e lidar com as questões individuais de cada aluno, que são muitas. Por conta disso, colhi algumas informações, através de pesquisas,

leitura de uma dissertação e diretamente em entrevistas com alguns professores. Diante das pesquisas realizadas sobre o ensino de jovens e adultos, destaco o trabalho de Migliorança (2004). Nesse trabalho, a autora realiza algumas entrevistas, feitas na Universidade de São Carlos, em salas de aulas, com três professores: André, Bacharel em Físico-Química; Irene, formada em Contabilidade e Matemática e Laura, Licenciada em Matemática pela (Universidade Federal São Carlos).

Segundo Migliorança (2004) - a faixa etária desses alunos é variável e a maioria são jovens e adultos, que retornaram à sala de aula. A maioria abandona a escola por conta do trabalho, “necessidade de sustento” e retornam a fim de conseguir uma capacitação melhor. O que chamou a atenção da autora é que o mesmo motivo que os faz sair é o mesmo que faz os alunos retornarem. Sendo que, ao retornarem à sala de aula, encontram diversas barreiras, pois agora, esses alunos possuem muitas responsabilidades.

As informações colhidas da dissertação Migliorança (2004) me auxiliaram a conhecer outras realidades dentro do ensino do PROEJA. A autora mostrou que alguns professores gostam de lecionar para essa modalidade de ensino, já outros não gostam. Há professores que procuram se adequar a esse público, outros, em contrapartida, muitas vezes, tratam com deboche as dificuldades dos alunos, entre outras situações que a pesquisadora descreve em seu trabalho. Essa pesquisa, com os relatos desses três professores que lecionam para a mesma modalidade de ensino, mostrou que os resultados são melhores e mais robustos quando há mais dedicação tanto por parte do aluno quanto do professor. Para que não fique somente na pesquisa realizada por outra pessoa eu irei acrescentar a parte das entrevistas que foram feitas por nós alunos. Elaboramos as perguntas conforme nossa necessidade.

As perguntas objetivaram, em resumo, saber o tempo em que o professor leciona

para o PROEJA/ PEJA, casos de dificuldades em transmitir determinados conteúdos e estratégias utilizadas no processo de ensino. Em geral, a maioria respondeu que sim, “em todos os níveis de aprendizagem e dependendo do tamanho do grupo, o professor anda em uma velocidade e os alunos em outra”. As possíveis soluções relatadas na entrevista: “pegar quem sabe mais, para ajudar quem sabe menos, só assim a parte que está avançada se interessa pela aula e fica mais interessante”. Aproximar-se, conhecer o aluno, saber seu nível de conhecimento, sem assustá-lo.

Trabalhando conforme a turma corresponde. Procurar incentivá-los, mostrar que eles são capazes, pois muitos chegam até a sala de aula com a autoestima muito baixa. Como diz o relato de um dos professores entrevistados: “Acreditar que vocês podem porque quase sempre os alunos do PROEJA chegam numa escola se achando menos, dizendo eu não sei isso, eu não aprendi aquilo, não tenho mais condições de aprender”.

Eu citei esses dados para reforçar a ideia, porque antes, a meu ver, o trabalho do professor era passar a matéria, ele ensinava o aluno e o mesmo ia para casa, com lição de casa, estudava aqueles conteúdos, que iriam cair na prova. Era uma visão bem técnica que tinha na minha cabeça, em que o contato entre aluno e professor, era assim: o professor como educador, ensinava e o aluno tinha a obrigação de entender o conteúdo, se possível decorar, principalmente tabuada, tinha que ser na ponta da língua.

Antes, só o professor tinha algo a passar, hoje em dia é diferente, o aluno aprende com o professor e o aluno também passa conhecimentos para o professor, pois os alunos do PROEJA/ PEJA têm uma bagagem, sempre têm algo a passar adiante. É uma maneira nova de trabalhar, que me chamou a atenção desde o princípio nesta escola, em que o professor se importa com os alunos e querem que eles aprendam de verdade, e, para que isso dê certo, os professores procuram

buscar, novas ferramentas de trabalho, novos conhecimentos, maneiras diferentes de lecionar, explicar o conteúdo.

E mesmo diante de toda a minha dificuldade, principalmente quando me surpreendi com essa história de (PI- Projeto Integrador) confesso que me assustei muito e demorou bastante, para entrar na minha cabeça, pois não é fácil: é como pegar um copo cheio de água e tentar colocar mais um pouco de água, não é possível, somente se você esvaziar um pouco. Tive que aprender a deixar de lado o que antes achava certo, o que estou tentando dizer é que com toda a minha dificuldade, eu tive que me esvaziar de como eu achava que fazia certo, pois eu fazia da maneira errada, pois somos eternos estudantes e não somente estudamos para passar em uma prova, ou para provar que somos capazes de algo ou que devemos receber um mérito porque conseguimos alcançar algum nível de conhecimento.

Estou procurando me conhecer a cada dia como uma pessoa importante, que possa contribuir em nossa sociedade, está sendo difícil, deixar velhos hábitos de lado e tomar gosto pelo estudo, contudo é preciso coragem. Espero ser um instrumento de ajuda a você que está lendo e não sabe mais como enfrentar esse desafio que é voltar à escola, encarar uma sala de aula e professores que irão com certeza te cobrar. Não tenha medo, converse sobre sua dificuldade, pois o professor é o maior interessado em te ajudar.

Gostaria de acrescentar uma frase do jovem estudante que faz estágio para a faculdade e que me chamou muito a atenção, na sala de aula durante a prova de portu-

guês. Um aluno levantou a seguinte questão: “quero estudar para ser professor”, e então foi falado que o salário de professor é muito baixo. Então esse rapaz, que nos auxiliou, nas aulas de português, junto com a professora Margareth respondeu: “Pra que ser professor? – buscar mudar a realidade de alguém” – Thiago Pinheiro.

Como é uma constante pesquisa, fazendo prova de Filosofia, eu achei interessante acrescentar novamente, “depois do livro já finalizado”, mais uma frase, agora do filósofo Sócrates: “Unicamente é sábio aquele que nada sabe e apenas o que sabe que não sabe procura aprender”. Esse trabalho me fez repensar meu modo de vida, minhas raízes e meus conhecimentos. Espero ser uma pessoa que esteja pronta para adquirir conhecimentos, a estar aberta a novas oportunidades, pois é preciso muito pouco para isso. Agradeço a todos e espero de coração que tenham gostado da leitura, pois foi escrita com muito carinho.

Bibliografia

- MIGLIORANÇA, F. **A Atuação do Professor de Matemática na Educação de Jovens e Adultos: Conhecendo a Problemática**. 182 páginas, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 2004.

Texto construído para o PI do 1º semestre de 2016

Em qualquer tempo, podemos aprender!

Raquel Bispo Damasceno

Meu nome é Raquel Bispo Damasceno, filha de Marcelino Bispo Damasceno e Maria Expedita Damasceno. Nasci em 24 de dezembro de 1970, sou a sexta filha de uma família de sete filhos ao todo, e ainda tenho mais dois meios irmãos.

Minha família sempre foi humilde, pobre, nunca tivemos muitas posses. Em termos de educação, meus pais não tiveram acesso à escola, e por isso mal aprenderam a escrever o próprio nome. Na época, eles aprenderam a assinar mais por interesse de alguns políticos de que eles soubessem escrever o próprio nome para que assim votassem neles.

Meus irmãos mais velhos tiveram que ir para a cidade, longe do interior onde morávamos, pois nesse lugar não havia escolas e, se havia alguma, ou era longe ou só ensinava o básico, que era aprender a ler e escrever.

Aos meus quatro anos de idade, meus pais se separaram, separando também eu e meus irmãos, cada um foi para um lado. Uns foram morar com a minha avó materna, outros com os padrinhos, e eu fui com meu pai, mas por pouco tempo, logo ele iria casar se novamente e minha avó paterna já estava muito adoentada e meu pai me levou para morar com minha madrinha, Etelvina de Andrade Lessa Pereira Gomes, professora graduada e formada em mais duas faculdades. Ela é filha de um dos primeiros professores de alfabetização de OEIRAS-PI e neta de um dos primeiros políticos da cidade que hoje evoluiu e o município que fazia parte da cidade onde fizeram suas histórias de nome Pitombeiras, hoje pertence à outra cidade que antes era município de Oeiras, pertencendo a Santa Rosa. Lá foi construída uma escola na década de 90 e nomearam

a escola com o nome do avô de minha madrinha, Escola Municipal Eudoro Lessa. Eu comecei com minha madrinha minha vida, tanto na educação de aprendizado quanto na educação de modos de vida. Ela era formada em pedagogia e era professora

Aos meus seis anos minha avó paterna veio a óbito. E nessa mesma época meses depois eu caí em um monte de pedra de paralelepípedo com pontas pontiagudas e cortei meu pulso, logo desmaiei, no hospital, depois de longo tempo desacordada, eu acordei, minha madrinha já ia preparar o meu velório achando que eu iria morrer e chorava muito, para felicidade dela eu acordei, eu estava assustada com tudo aquilo sem saber o que havia acontecido, minha mão enfaixada e não podia mexer, e estava tomando soro na veia. Fiquei com muito medo na hora e chorei muito. Foram mais de oito pontos no pulso, um corte bem profundo.

Fui matriculada na escola aos seis anos, não tive muita dificuldade em aprender a ler e escrever, afinal tive uma mãe professora em casa. Na segunda série, aos sete anos de idade, fui agredida por uma colega mais velha que me jogou de uma calçada alta na escola e eu caí e fracturei o braço esquerdo em dois lugares, e, como na cidade não havia ortopedista no hospital, minha madrinha teve que viajar comigo até a capital, Teresina, onde fiquei num hospital internada por um mês, e sem acompanhamento de parente, na época não era permitido. E minha madrinha só ia me visitar aos fins de semana. Fiquei traumatizada e com medo de voltar à escola. No ano seguinte, minha madrinha se casou, e fomos morar na capital. Eu não me interessava mais por nada que se relacionasse à escola. Meu padrinho também me maltratava, me batia e me obrigava a fazer serviços domésticos. E eu já começava a sentir falta dos meus irmãos, do meu pai e da minha mãe, e pedi para minha madrinha me levar de volta pro meu pai, e ela chorando me prometeu que iria me levar de volta.

Voltei para a casa do meu pai aos nove

anos de idade, ele já tinha outro filho, meu irmão Helson, minha madrasta já estava grávida de minha irmã Joana, ao nascer, meses depois eu fui morar com minha avó materna.

Como minha infância foi atribulada, estar com meus irmãos foi a melhor coisa e voltei a conviver com minha irmã mais nova, e então vendo que ela nem sabia ler e escrever pedi a minha avó para nos colocar na escola e minha avó assim o fez. Voltou minha vontade de estudar e sempre ajudando minha irmã. Minha mãe já estava trabalhando no Rio de Janeiro, e eu quem escrevia as cartas para ela e eu quem lia as cartas dela para todos.

Encontrei os meus irmãos e fomos morar juntos, cinco de nós. Aos meus 12 anos, minha mãe, então, foi nos buscar para morar com ela no Rio de Janeiro. Cheguei ao Rio de Janeiro em fevereiro de 1983, época de carnaval. Minha mãe quis me matricular em uma escola de freiras, mas não sei por que não conseguiu, e fui estudar com meu irmão próximo a mim e minha irmã mais nova que eu, na mesma escola. Escola Municipal Lygia Uchôa de Medeiros, onde cursei até a sexta série.

Logo, em 1984, foi inaugurada a Avenida dos desfiles, o Sambódromo, onde também funcionam os CIEPs fundados por Leonel de Moura Brizola, o então governador da época, minha irmã mais nova já estudava lá e era o dia todo, mas eu ainda estava na outra escola e não queria estudar no CIEP.

Na escola Lygia Uchôa de Medeiros, eu estava me sentindo bem com meus professores - de quem gostava muito - e, além disso, meu irmão também estava lá. Eu e meu irmão tínhamos aulas de música e nós fazíamos composições de letra e música. Uma vez, em um concurso que teve, ele ganhou primeiro lugar e eu fiquei em segundo com nossas músicas. Só que ele seguiu nesse ritmo de compor e até tocar um violão e eu não. Aos dezesseis anos, tive uma decepção com o meu segundo irmão mais velho, a quem tinha como figura paterna. Essa de-

cepção me deixou muito triste e procurei várias maneiras de fazer com que aquilo que eu vim a descobrir, tivesse uma solução e voltasse a ser como era antes. Mas não consegui e então resolvi sair da casa da minha mãe e fui morar com uma tia de consideração, quem nos acolheu na nossa chegada ao Rio de Janeiro.

Aos dezessete anos, já cursando a oitava série, arrumei um namorado que veio a ser o pai do meu primeiro filho. Parei de estudar e fui morar com ele, vivendo um casamento informal no ano de 1989. Ambos com a mesma idade, e uma diferença de aprendizado e conhecimento enorme. Eu já sabia ler até algumas palavras em inglês, ele mal sabia ler o próprio nome. Surgiu aí a minha primeira porta fechada que me impediria de retomar os estudos.

A criação dele foi espelhada pelo pai, que era machista. Assim, suas atitudes refletiam todo esse machismo herdado; ele não aceitava a ideia de a mulher trabalhar fora estudar, se vestir bem, até em pôr uma calça jeans, já era motivo para críticas. Eu convivi por longos dez anos nessa união por causa dos filhos, que mais tarde vieram mais dois. No quarto filho, decidi ainda grávida, me separar. Ele me agredia, não me incentivava a nada e não aceitava a ideia de eu trabalhar, alegando que eu estava com um amante. Ele não tinha trabalho fixo. Separei-me, levei meus filhos e fui de volta para a casa de minha mãe que só me apoiou até meu filho nascer. Não havia parado de trabalhar, eu era corretora de seguros e trabalhava no meu tempo, ganhava por comissão.

Houve um incêndio no quarto de minha mãe, e nessa hora meus filhos brincavam na rua e houve um tiroteio, meus filhos foram para dentro de casa, o desespero era tanto que ficamos com muito nervosos, quando acalmou o tiroteio, logo começou o incêndio. E meu filho pequeno estava na casa da vizinha, fui buscá-lo e quando cheguei à porta dela gritaram que a casa da minha mãe estava pegando fogo. Minha mãe nervosa foi

chamar o bombeiro a pé e os vizinhos e eu tentávamos apagar o fogo até que o bombeiro chegou após a vizinha ter ligado.

Ficou difícil a convivência com minha mãe após o acontecido. Um amigo, vendo minha situação, me ajudou, havia uma casa vazia de uma senhora que faleceu anos atrás e ele conhecia o dono, e prontamente me emprestaram a casa humilde de um cômodo, com cozinha e banheiro, estava ótimo para mim.

Mudei-me e fui com meus filhos para a casinha onde comecei a nova fase da minha vida com meus rapazes. Vivemos por três anos só eu e eles, até que conheci uma pessoa, quem achei que iria me ajudar, um novo companheiro pai do meu quinto filho que nasceu dois anos depois do relacionamento e, por problemas de traição, ocorreu a separação um mês depois que meu filho havia nascido. Ele mantinha outro relacionamento com uma mulher que também estava grávida, apenas dois meses de diferença da minha gravidez, eu tive meu filho, dois meses depois nasceu a irmã dele.

Resolvi, a partir desse episódio, continuar a viver só com meus filhos, trabalhar e estudar. Quando meu filho iria completar um ano de idade e eu aos 33 anos de idade, me matriculei numa escola próxima de casa, Escola Estadual Mem de Sá. Nesse intervalo de tempo, namorei um rapaz primo do meu vizinho, que veio de Brasília tentar a vida aqui no Rio de Janeiro e, não conseguindo colocação no mercado de trabalho, meses depois ele voltou para Brasília. E eu já estava frequentando as aulas quando fiquei muito resfriada de tal maneira que congestionou até meus ouvidos não conseguindo ouvir nada direito dos dois ouvidos, então me afastei da escola e, em seguida, descobri que estava grávida do sexto filho. Meu mundo desabou e o desespero tomou conta de mim. Outra vez iria me afastar da escola por causa de filho, adiando mais uma chance, e como iria avisar ao pai que não havia na época ainda, acesso fácil ao celular? Ainda

era o sistema de cartas enviadas pelo correio, e eu nem sabia o endereço dele. Pensei em muitas coisas na época. Não tinha a pensão dos pais dos meus filhos, eles não me ajudavam, e com essa gravidez eles se afastaram mais ainda.

Meu filho mais velho já com quinze anos, Guilherme, meu braço direito me ajudou. Ele estudava, tomava conta dos irmãos para mim, eu fazia faxinas e unhas para nos manter. Comecei a trabalhar fixo com carteira assinada no ano de 2008 em um hotel, depois em um hospital, não conseguia ainda voltar a estudar por não ter como conciliar os horários. Passei a dar prioridade ao trabalho, precisava manter a casa. Meu filho Guilherme serviu o quartel para o meu orgulho, onde ficou por dois anos, pedindo baixa do engajamento, fato do qual hoje ele se arrepende.

Passaram-se os anos e eu adquiri um problema renal me afastando do trabalho e fazendo uma cirurgia nos dois rins, quase perdi meu rim esquerdo. Pedi

conta do trabalho e decidi tomar outro rumo na minha vida, custasse o que custasse eu iria dar prioridade aos estudos, e assim o fiz.

Já sem problema renal que atrapalhasse e de alta do INSS, no mês de julho do ano de 2015 me matriculei na PEJA, na Escola Municipal Calouste Gulbenkian, terminando nesse ano o ensino fundamental. Não tive dificuldades como achei que teria no aprendizado. Encontrei professores dedicados que me deram autoestima e mais vontade ainda de crescer, tanto no conhecimento quanto como pessoa. Lembro-me bem que o professor de história e geografia, Professor Brigeiro, disse que nós precisamos sempre estar aprendendo, precisamos ter conhecimento, não só por ter, mas para que o nosso país possa evoluir e não fiquemos a mercê de nenhum outro país, dependentes em quase tudo precisando sempre do conhecimento deles. Ele está certo, eu preciso aprender e conhecer. Ele, então, vendo que eu seria capaz, não só ele, mas também a Professo-

ra Ermezinda da disciplina de português, o Professor Napoleão da disciplina de física e o Professor Bartolomeu da disciplina de matemática, me indicaram fazer um curso técnico. O Professor Brigeiro quem fez as inscrições em outras escolas técnicas e me deu o formulário de preenchimento do IFRJ, me explicando como fazia e o coordenador Dimiário me mostrou o site e como acessar. Entrei para o IFRJ, com uma nota do questionário acima das minhas perspectivas.

Estou aqui hoje escrevendo esse artigo, feliz, porque eu consegui um novo emprego que dá para conciliar casa, trabalho e estudos, era tudo como eu queria. Meus dois filhos mais velhos estão casados, e moram comigo hoje meus quatro filhos mais novos e meus dois primeiros netos. Meus filhos me ajudam em casa, me apoiam e estão sempre para o que der vier comigo. Um problema ou outro surge, mas tudo pode ser resolvido, com calma e autoconfiança de que tudo vai dar certo. Tenho dificuldades nessa nova etapa, afinal é tudo novo para mim, muitas vezes o cansaço toma conta, nesse Projeto Integrador, aprendi que a persistência e a autoestima contam muito, não sou só eu que tenho dificuldades, meus colegas também têm. Alguns deles desistiram e novamente parou de estudar, para minha alegria, meu filho vai voltar a estudar por ver meu esforço e dedicação. Esse Projeto me mostrou experiências de colegas alunos e professores. Os colegas se perguntam: como enfrentar o desafio de estudar no Instituto Federal do Rio de Janeiro, trazendo uma bagagem tão pequena de aprendizado, para começar um conhecimento que para nós é enorme?

Os professores os quais entrevistamos, também têm as dificuldades deles para nos dar o ensinamento de acordo todas as circunstâncias que cercam o ambiente e aprendizado do Proeja. Muitas vezes, tendo que usar algumas estratégias de ensino para ensinar a matéria elaborada. O que, segundo eles, eles não aprendem como aplicar a matéria, tendo que se adequar a modalida-

de de ensino diferenciado. E segundo eles, é mais fácil ensinar para uma turma de jovens e adultos do que para uma turma de jovens e adolescentes, por conta da maturidade, mas estando atenta à dificuldade de cada um para no final todos chegarem ao mesmo nível.

Quando estava no último emprego em uma firma terceirizada, fui questionada sobre qual meu grau de escolaridade, e respondendo ao questionamento, disse que tinha o ensino fundamental, com vergonha. O administrador quem me fez essa pergunta tinha um ensino superior, porém defasado, ele não tinha se atualizado no tempo, e administrando uma empresa e não sabia fazer as planilhas num computador, mal sabia ligar e verificar o sistema de câmeras foi então que sugeri a ele fazer uma conta no facebook para ele interagir com as pessoas. E eu falei da importância de saber usar o computador não só para interagir com as pessoas, mas também para trabalhar nele, ele viu meu conhecimento e falou que eu voltasse a estudar para atualizar meu histórico escolar e poder ter uma profissão com melhores ganhos salariais, ele disse que eu estava desperdiçando minha inteligência trabalhando como auxiliar de serviços gerais, não isso fosse vergonhoso, e que eu trabalhava muito bem, contudo ele viu que esse não era um lugar que eu devesse estar e ele me daria a oportunidade se precisasse galgar um cargo melhor, só tinha que voltar a estudar. Ele já me deu a primeira oportunidade me indicando para o emprego onde estou hoje, por enquanto ainda auxiliar de serviços gerais.

Em contrapartida, há também os tais que não evoluem seus aprendizados e não percebem a necessidade da nossa evolução. Meu vizinho me perguntou para que eu estivesse estudando com a idade que eu tenho, que isso era besteira, ora, ele mal sabe assinar o nome dele próprio e ele sim está parado no tempo, com a ignorância de pessoas desatualizadas e que querem ganhar dinheiro, mas não o sabem aproveitar desperdiçando nos bares da vida. É óbvio que eu só escutei

e a resposta seguinte que eu dei foi que sem aprendizado nós estamos sujeitos a sermos submissos aos que ganham com nosso esforço e suor quase que em vão. E por que não melhorar se temos oportunidades? O querer aprender é fundamental e, sem autoestima, qualquer um desiste ao lado de quem não ajuda a crescer, muitas vezes, as críticas nos fazem crescer e muitas vezes nos derrubam.

Eu estava buscando explicações para essa minha dificuldade em adequar às necessidades de voltar a estudar. Uma delas foi que, não só por mim, mas por meus filhos. Eu, mais que ninguém precisa mostrá-los a necessidade do aprendizado, do conhecimento, a educação e o respeito começam dentro de casa, e o aprendizado tem que ser conciliado entre a família e escola, e como eu ajudaria ao meu filho se eu não tiver o aprendizado necessário? Nas buscas que fiz pesquisando explicações e fatos que pudessem me mostrar o resultado que eu queria, fui à busca de estudos de psicólogos, psicopedagogos e encontrei muitas explicações e até uma palavra nova que define o que eu buscava “ANDRAGOGIA”. A Andragogia, termo de origem grega que significa formação de adultos e usados pela primeira vez pelo educador alemão Alexander Kapp em 1833, nomeia a ciência que tem como público alvo o aluno adulto. Malcolm Knowles, educador, em 1950, começa a formular uma Teoria de Aprendizagem de Adultos. Na década de 60, tem-se o primeiro contato com o termo Andragogia por um educador yugoslavo, num Workshop na Universidade de Boston. (BELLAN, 2005, p. 23). Segundo Knowles 1950, a Pedagogia, que é a ciência que cuida do ensino de crianças, exige que os alunos se ajustem aos currículos estabelecidos. Propõe-se que a aprendizagem seja imposta pelo professor e o aluno, nesse caso, torna-se o objeto do ensino. Método inverso do que propõe a Andragogia, que sugere currículos construídos de acordo com as necessidades dos alunos adultos, baseados em suas experiências anteriores e

suas condições de vida e de trabalho, com conteúdos que podem ser aplicados ao seu cotidiano. O aluno deixa de ser objeto e passa a ser o sujeito do ensino. Professor e alunos pensam juntos e se enriquecem, pois ambos alcançam conhecimentos nessa jornada. A Andragogia é praticada nos cursos universitários, nas empresas para a implantação em planejamento estratégico, marketing, comunicação, processos de qualidade, etc. e na EJA (Educação de Jovens e Adultos).

O tema do estudo do autor citado anteriormente é a influência da autoestima oriunda da família e da escola na Andragogia, que é a ciência que estuda a aprendizagem de adultos, bem como apresentar a baixa autoestima como causa perturbadora do processo ensino aprendizagem de jovens e adultos. A questão central deste trabalho é alertar a família e a escola para despertarem o desejo pelo saber, estimularem as potencialidades de jovens e adultos através da afetividade e da confiança, fazendo com que eles se sintam capazes de romper barreiras, realizar sonhos, levando-os, assim, à satisfação profissional e pessoal. Problemas de aprendizagem são conseqüências de variados conflitos e um dos maiores é a baixa autoestima, decorrente da falta de amor: amor da família, dos amigos (dentro e fora da escola, incluindo os profissionais da educação). Daí a preocupação em usar a afetividade como uma “arma” para alcançar resultados especiais em relação à aprendizagem na Andragogia.

O tema sugerido é de grande relevância, pois o aluno da EJA, amado e acolhido, tem um autoconceito bem construído, que faz com que ele se sinta bem consigo mesmo, esteja mais fortalecido diante dos obstáculos da vida e saiba que é alguém capaz de aprender o que quiser e conquistar o seu espaço na sociedade que, por sua vez, sofre transformações numa velocidade cada vez maior e exige da humanidade uma bagagem cultural cada vez mais ampla.

Com base nessas pesquisas, comecei a

refletir, de modo mais aprofundado e articulado, encontrei respostas para o que eu buscava e agora eu vou prosseguir aplicando o que eu aprendi. A minha estratégia é não deixar o medo ou a vergonha tomar conta das minhas expectativas. Esse longo tempo fora da escola, por causas que muitas vezes separa uma jovem da escola, é o apoio dos governantes que deveriam ter projetos para amparar a jovem e o filho pequeno enquanto retorna aos estudos, é mostrar para os jovens que o que ele está estudando vai servir na vida dele e o caminho é o aprendizado.

Em entrevista com o Professor Armando dos Santos Maia, disciplina de Matemática-IFRJ, ele disse: “Você adquire conhecimento e não sabe se vai precisar usar esse conhecimento algum dia; numa entrevista de emprego ou em uma prova que você está fazendo; se você não sabe, como adquiriu aquele conhecimento na sala de aula você não vai esquecer. A vida é tão dinâmica que não dá para deixar que aquele conhecimento deixe de ter importância”.

Faltou o apoio da minha família quando eu precisei. Procurei muitas vezes por mim mesma, me levantar, quando caía. Os tropeços e erros que se passaram na minha vida até aqui, me serviram de aprendizado. Hoje eu sigo confiante e determinada, por mais que

os problemas vão sempre surgir, mas sei que encontrei a saída para encará-los de frente e de cabeça erguida. Minha meta vai além de somente ter uma profissão, ou uma qualidade de vida melhor, eu quero que os meus filhos sigam meus passos como estou seguindo os da minha madrinha Etelvina, viúva, mãe de três filhas, guerreira, lutadora, e muito inteligente, com três faculdades no currículo, a última faculdade que cursou terminou aos sessenta e poucos anos, opção que fez pra não ficar parada no tempo, e disse que “nós não perdemos a percepção de aprendizado quando envelhecemos, a todo o momento, em qualquer tempo podemos aprender”.

Bibliografia

- <http://www.psicopedagogia.com.br> Acesso em 20/04/2016 às 22h
- <http://www.m.monografias.br/brasilcola.uol.com.br/> Acesso em 23/04/2016 às 19h

Texto construído para o PI do 1º semestre de 2016

No mundo dos nomes, o meu é Rodrigo André, nasci em 13/10/1996, sendo nascido e criado no município de São João de Meriti, na Baixada Fluminense. Aos 18, ingressei no IFRJ e, na época, eu trabalhava como Promotor em uma empresa que fabricava Pão. Uma amiga que realizou parte do Ensino Fundamental comigo, me contou do IFRJ e do MSI. Quando me dei conta que se tratava de uma instituição federal de ensino, não pensei duas vezes e me inscrevi no processo seletivo do PROEJA na primeira oportunidade.

Não bastava ser estudante da Rede Federal, papai do Céu se encarregou de me preparar com a turma do meu primeiro período e nos proporcionou a felicidade de ter o nosso primeiro Projeto Integrador inscrito e aceito no III Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica. Foi um dos momentos mais importantes da minha vida acadêmica, pois foi lá em Recife que, ao representar a turma no evento, eu tive a certeza de que havia feito a escolha certa para a minha vida.

***Texto enviado no dia
04 de dezembro de 2021***

AUTORES

Aramís David Correia

Doutor em Artes Cênicas - PPGAC-UNIRIO (2020), com a tese: Brincar, atuar: a linguagem do palhaço no ensino das Artes Cênicas. Desde 2012 é Professor efetivo do IFRJ, Campus Maracanã, onde é coordenador do projeto de extensão "Laboratório de Artes". E-mail: aramis.correia@ifrj.edu.br

Carlos Victor de Oliveira

Doutorando em Ciência da Informação (PPGCI - IBICT/UFRJ), Mestre em Ciência da Informação (PPGCI - IBICT/UFRJ). Graduado em Licenciatura em Pedagogia (UCAM/IAVM) e Superior de Tecnologia em Gestão da Tecnologia da Informação (UNESA). Vice-Coordenador e Professor do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Membro do grupo de pesquisa Comunicação e Divulgação Científicas (PPGCI - IBICT/CNPQ). E-mail: carlos.oliveira@ifrj.edu.br

Erica de Souza Almeida

Doutora em Letras Vernáculas (Área Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010). Pós-Doutorado Junior pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011-2012). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: erica.almeida@ifrj.edu.br

Florinda do Nascimento Cersósimo

Mestre em Química orgânica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Experiência na área de gestão tendo sido Coordenadora do Curso Superior de Tecnologia em Processos Químicos (2003-2005), Diretora de Ensino do (2011-2014), Diretora Geral (2014-2018) do IFRJ - Campus Rio de Janeiro e Membro do Conselho Superior do IFRJ (2015-2018). E-mail: florinda.cersosimo@ifrj.edu.br

Lívia Baptista Nicolini

Doutora em Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz (EBS/Fiocruz - 2013). Atuou como tutora presencial da Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ e como professora de ciências e biologia da rede municipal de ensino. Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. E-mail: livia.nicolini@ifrj.edu.br

Katia Correia da Silva

Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas em Formação Humana – PPFH/UERJ, Mestre em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro – IUPERJ, Professora de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ. E-mail: katia.correia@ifrj.edu.br

Pâmella dos Santos Passos

Professora de História no IFRJ desde 2008, onde desde então vem atuando na Educação de Jovens e Adultos. É doutora em História pela UFF. É pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Tecnologia, Educação e Cultura (GP-TEC), onde realiza pesquisas sobre Ensino de História e Direitos Humanos. E-mail: pamella.passos@ifrj.edu.br

Renata Rodrigues Brandão

Doutora em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2015). Pesquisadora do grupo de pesquisa LabQueer- Laboratório de Estudos das relações de gênero, masculinidades e transgêneros da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e do Grupo de Estudos e Pesquisa Gêneros, Sexualidades e Diferenças nos vários espaços tempos da História e dos Cotidianos- UERJ/FFP. Atua como Professora do curso de Pedagogia da Faculdade São Judas Tadeu e Professora de História da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. E-mail: renatabrandao77@gmail.com

Rita de Cássia Cordeiro de Castro

Doutoranda em Ciência da Informação PPGCI - IBICT//UFRJ (2017), área de concentração - Informação e Mediações Sociais e Tecnológicas para o Conhecimento. Atualmente é professora efetiva do IFCE (em exercício provisório no IFRJ), na área de Gerência de Redes e Segurança da Informação. Tem experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Sistemas de Computação, atuando principalmente nos seguintes temas: Segurança em redes de computadores, Gestão de Segurança da informação, análise e avaliação de desempenho de redes e Cloud Computing. E-mail: rita.castro@ifrj.edu.br

Rita de Cássia de Almeida Costa

Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2014). Professora aposentada do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro (IFRJ). E-mail: rita.etfq@gmail.com

Tânia Goldbach

Doutora em Difusão C&T - Engenharia de Produção - COPPE-UFRJ (2006), com tese voltada para Divulgação Científica e sua interface com o ensino, com a temática Genética e afins. Atualmente é professora colaboradora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - RJ (antigo Centro Federal de Educação Tecnológica de Química RJ), Campus Rio de Janeiro - Maracanã, atualmente aposentada e colaboradora responsável pela parceria IFRJ - Espaço Ciência Viva). E-mail: tania.goldbach@ifrj.edu.br

Telma Alves

Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense, na linha de pesquisa Diversidade, Desigualdades Sociais e Educação. Desde 2004, atua na Educação de Jovens e Adultos voltada tanto para o Ensino Fundamental como para o Ensino Médio. Professora da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, desde 1996, ocupa o cargo de Professora Titular da EBTT, no IFRJ, onde ensina matemática nos cursos técnicos integrados. E-mail: telma.alves@ifrj.edu.br

ANEXO 1

O projeto “Imagens e Escrevivências: construindo a memória do PROEJA do *Campus Rio de Janeiro*” com vigência de 03/2021 a 02/2022 terá como objetivo final a construção de um acervo de memórias do curso de Manutenção e Suporte de Informática (MSI) através da publicação de um e-book. Esse livro, em formato digital, tem como objetivo trazer o registro da história do curso pelas memórias em um período aproximado de 10 anos, construídas a partir do acervo digital de fotografias e do relato de experiência escrito pelos docentes -- que participaram do processo de formação educacional na Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) do IFRJ, *Campus Rio de Janeiro*.

Para que este projeto de memórias se materialize, convidamos aos docentes, participantes da construção das histórias do curso, que construam um relato de vivências em formato livre, mas que sugerimos que, se possível, conste os seguintes aspectos: tema, dificuldades ou problemas, aprendizagens alcançadas do ponto de vista da formação do discente e do docente, resultados alcançados, trocas institucionais realizadas, conhecimentos e habilidades desenvolvidas, bem como outros aspectos que o docente julgar necessário para a materialização de suas memórias durante a execução de projetos.

Sobre a importância do registro das vivências ou das memórias, gostaríamos de lembrar da ilustre obra “Quarto de Despejo:

diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, em que a escritora Carolina, mulher negra, de condição pobre, mãe solo, catadora de papel e experienciadora de uma realidade dura, acreditava na potência da sua escrita pessoal, mas porque não consideramos real, representativa de outras tantas vidas brasileiras. Como se sabe, pela palavra, Carolina trouxe reflexões não só sobre a sua realidade particular, mas sobre a importância de ouvirmos as vozes silenciadas, periféricas para a discussão de um Brasil que possa representar a todos, embora utópico pareça ser. Inspiração de nosso projeto, desejamos que as potências de fala possam trazer registros de como a educação pode transformar vidas, no sentido amplo, porque os atores envolvidos -discentes e docentes- são conduzidos a aprendizagens múltiplas continuamente. Acreditamos, de fato, que a educação é responsável por transformar vidas que podem transformar o mundo, parafraseando Paulo Freire.

Incluímos duas fotos com a intenção de estimular sua memória afetiva sobre este momento do processo formativo dos estudantes. Aguardamos seu aceite a este convite para podermos conversar sobre o cronograma.

Telma Alves (Coordenadora do projeto)
Érica Almeida (Colaboradora)
Douglas Magno (Bolsista PIBIC EM)

ANEXO 2

CARTA CONVITE AOS ESTUDANTES

O projeto “Imagens e Escrevivências: construindo a memória do PROEJA do Campus Rio de Janeiro” com vigência de 03/2021 a 02/2022 terá como objetivo final a construção de um acervo de memórias do curso de Manutenção e Suporte de Informática (MSI) através da publicação de um e-book. Esse livro, em formato digital, tem como objetivo trazer o registro da história do curso pelas memórias em um período aproximado de 10 anos, construídas a partir do acervo digital de fotografias e do relato de experiência de professores e estudantes.

O motivo do nosso contato é para convidar a você, estudante concluinte, a escrever um pequeno relato de experiência sobre o curso. Esse relato é pessoal, mas trazemos algumas sugestões para orientar a sua escrita:

1. Identificação pessoal (nome, idade, lugar onde nasceu, experiências profissionais antes de ingressar no curso).
2. Razões que motivaram o interesse pelo curso.
3. Resumo sobre o que o curso proporcionou na sua vida durante e após terminar a sua formação.
4. Registre os momentos mais

marcantes, de maior aprendizado no curso de Manutenção e Suporte de Informática.

5. Você considera que a sua formação no curso teve maior importância pela parte técnica para o mercado de trabalho ou outros conteúdos também foram importantes? De quais outras aprendizagens você se apropriou?

Pedimos que esse relato seja produzido em forma de parágrafos. Sugerimos que você construa DOIS parágrafos de 7 a 8 linhas cada um.

Esperamos que esse convite possa trazer à sua memória bons momentos de convivência, de aprendizagem pessoal e acadêmica. Temos clareza o quanto você batalhou para concluir o seu curso e gostaríamos muito de immortalizar suas memórias para que outros estudantes possam perceber o poder transformador da educação na vida daqueles que nela ingressam.

Agradecemos a sua parceria e ficaremos muito felizes se aceitarem mais esse desafio.

Aguardamos a sua resposta aceitando ou não o nosso convite.

Douglas Souza (Estudante-Bolsista)
Telma Alves (Professor-Coordenador)
Erica Almeida (Professor-Colaborador)

ANEXO 3

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av/Rua _____, nº. _____, município de _____/Rio de Janeiro. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada no e-book Imagens e Escrevivências: construindo a memória do PROEJA do Campus Rio de Janeiro, relatórios e atividades de divulgação do projeto de mesmo nome pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ, com sede na rua Pereira de Almeida, 88, bairro Praça da Bandeira, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: folder de apresentação; publicações em revistas e jornais em geral; home page; cartazes; mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, mídias, entre outros). Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

_____, dia ____ de _____ de _____.

(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato: